

O acolhimento
de bebês:
práticas e reflexões
compartilhadas



O acolhimento
de **bebês**:
práticas e reflexões
compartilhadas



Índice



Apresentação 04

1 O acolhimento de bebês 06

O acolhimento de bebês e o desenvolvimento integral: um desafio possível 07
Lóczy: uma inspiradora experiência de acolhimento na primeira infância 11

2 A primeira infância vem primeiro 14

3 Desenvolvimento Infantil 19

Favorecendo o desenvolvimento dos bebês 22

4 A palavra que apresenta o mundo 26

Palavras que antecipam o cuidado e nomeiam o choro e outras manifestações 30
A linguagem dos bebês 32
Manifestações que expressam sofrimento do bebê 33

5 A história pessoal e familiar 36

O álbum de história: um presente para o bebê 42

O que registrar 44

Dicas para o registro 46

A importância do nome 48

O serviço de acolhimento e o nome dos bebês 48

A família que tem lugar: entre a família real e a ideal 50

Visitas familiares 52

6 Os cuidados corporais e a rotina do bebê 58

Trocas 61

Banho 63

Sono 65

Alimentação 67

Registros no cotidiano do serviço de acolhimento 68

7 Rituais com os bebês 71

Objetos pessoais 72

Um objeto especial 73

Chegadas, despedidas e separações 75

8 Cardápio de atividades 78

Para saber mais 88

apresentação



O Instituto Fazendo História

O Instituto Fazendo História é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) fundada em 2005, que atua baseada nas diretrizes dos documentos legais que dão parâmetros para os serviços de acolhimento no Brasil¹. Sua missão é colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes que estejam em situação de acolhimento institucional a fim de fortalecê-los para que se apropriem e transformem a própria história.

¹ Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990; Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em parceria com o CONANDA, 2009.

Apostando na franqueza das relações e no direito à verdade, o Instituto Fazendo História atua em parceria com diversos serviços de acolhimento buscando garantir às crianças e adolescentes o acesso a sua história de vida, possibilitando a ressignificação e elaboração de suas vivências. Acompanhar essas crianças e adolescentes na construção e escrita de uma narrativa sobre suas histórias, com interesse e respeito, possibilita que elas recriem e sejam autoras de suas histórias de vida, evitando repetições presentes nas histórias familiares.

O Programa Palavra de Bebê (PBB) tem a finalidade de estudar a especificidade do acolhimento de bebês e criar estratégias de intervenção, que visem contribuir para a formação dos responsáveis pelas crianças. Por meio de suas ações, busca criar espaços de reflexão com os profissionais dos serviços de acolhimento sobre sua própria prática, assim como auxiliá-los com subsídios teóricos e metodológicos acerca dos cuidados oferecidos aos bebês, visando a promoção de saúde física e psíquica e incentivando um conhecimento mais amplo da singularidade de cada bebê.

Essa publicação nasce do desejo dos profissionais do grupo de estudos do PBB de compartilhar experiências, reflexões e práticas com os educadores dos serviços de acolhimento e com famílias acolhedoras. A partir das inquietações e debates desse grupo heterogêneo que trabalha e se dedica a ampliar as possibilidades de melhor acolher a primeira infância, surge este texto, para ser lido, pensado e discutido; sempre em busca de melhores práticas e políticas para os bebês separados de suas famílias.

Escrito por diferentes mãos, este texto tem um só objetivo: que sua leitura seja de verdade útil e significativa para você, educador.



f

O acolhimento
de bebês

O acolhimento de bebês e o desenvolvimento integral: um desafio possível

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) promulgado em 1990 traz uma mudança grande de paradigma no que diz respeito ao acolhimento institucional de crianças e adolescentes, assim como à forma como crianças e adolescentes devem ser tratados – eles passam a ser sujeitos de direitos.

O Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), tal como é entendido hoje, é fruto de uma série de mudanças vivenciadas historicamente. Dos grandes orfanatos às casas com capacidade para acolher pequenos grupos (entre 10 e 20 bebês, crianças e adolescentes), muitas transformações aconteceram. O acolhimento transformou-se em medida de proteção de caráter excepcional e provisório, que oferece às crianças e adolescentes a utilização dos dispositivos da comunidade para assegurar o direito à saúde, educação, cultura, profissionalização e lazer.

Com a construção do Plano Nacional de Promoção e Defesa do Direito à Convivência Familiar e Comunitária, fica claro o dever de cada ator do Sistema de Garantia de Direitos de desenvolver um trabalho de apoio às famílias de origem, para auxiliar em sua reorganização, priorizando a reintegração familiar. Apenas quando a família não responde ao investimento e não há membros da família extensa interessados e capazes de receber a criança, a colocação em família substituta é o caminho para que a convivência familiar seja assegurada.

Mesmo com todas as conquistas advindas com o ECA e os demais documentos legais, sabemos que as transformações no discurso, no imaginário e nas ações sociais requerem tempo, de modo que desafios e contradições ainda se fazem presentes. As mudanças envolvem não só uma alteração na forma de trabalhar, mas também uma reconstrução da identidade de tais instituições e sua visão para essas famílias.

O acolhimento de bebês apresenta características bastante peculiares já que se trata do trabalho com sujeitos em constituição. Ele demanda do adulto cuidador uma atenção e um interesse particularizado pelos pequenos para que possa lhes dispensar cuidados não anônimos, permeados pelo afeto e pela singularidade de cada encontro. Isto é fundamental para que cada bebê possa se desenvolver tanto física quanto psiquicamente. Portanto,

estamos diante de um desafio e tanto, quando falamos de uma instituição coletiva que acolhe por volta de 20 crianças e adolescentes, cada qual com sua história, suas questões e suas famílias. A atuação com faixas etárias diversas, na tentativa de assemelhar o espaço a um ambiente mais familiar do que institucional, torna o desafio para o educador ainda maior. É necessário muito preparo da equipe de profissionais, sendo os espaços de formação e supervisão institucional essenciais.

Sabe-se que o acolhimento não é necessariamente prejudicial aos bebês, desde que estejam presentes as condições necessárias para seu bom desenvolvimento e que a qualidade da relação estabelecida entre o bebê e seu cuidador está em primeiro lugar na lista dessas condições. Sabe-se, também, que a institucionalização dos bebês dificulta a criação de vínculos estáveis e seguros, uma vez que toda uma dinâmica da organização interfere nessa relação de diversas formas. Pensa-se bastante sobre os caminhos para o melhor acolhimento e existem muitas propostas sobre cuidados alternativos, especialmente para a primeira infância. A Família Acolhedora é uma estratégia bastante valorizada em nosso Estatuto (ela é mencionada, inclusive, como prioritária frente a outros serviços de acolhimento) e também defendida por diversos técnicos da área. Nesta modalidade de acolhimento, ao invés de ir para uma instituição, o bebê permaneceria em uma família que, acompanhada por uma equipe técnica, se dispõe a cuidar de um bebê até que o destino dele seja decidido: retorno para a família de origem ou encaminhamento para adoção. Essa estratégia parece-nos bastante coerente com a necessidade que um bebê apresenta de olhar e acompanhamento individualizados.

Ocorre que, no modelo atual, muitos bebês passam um período importantíssimo de seu desenvolvimento em instituições. Seria esse ambiente coletivo dos serviços de acolhimento institucionais o melhor modelo para nossos pequenos? E ainda, enquanto não temos como realidade os cuidados alternativos para todos e cada um de nossos bebês, como transformar esses espaços institucionais no mais adequado possível? A experiência de Lóczy, na Hungria, que retrataremos a seguir, trouxe-nos uma visão de mundo de que isso é possível sim e nem tão difícil quanto se possa imaginar. Formação e reflexão sobre a prática são pontos chaves para esta proposta dar certo.

O texto “A (in) visibilidade dos bebês na discussão sobre o acolhimento institucional”², aponta para uma escassez de reflexão e discussão a esse respeito. As autoras fizeram uma pesquisa buscando textos que tratassem do desenvolvimento de bebês em serviços de acolhimento e “os resultados revelaram baixa produção de estudos sobre medidas de acolhimento com foco em bebês.” (p. 235) Sendo assim, fica clara a necessidade de se colocar a questão do acolhimento de bebês em pauta e refletir sobre os modelos possíveis em nossa realidade. Nos documentos legais também não há quase nenhum destaque para as especificidades do trabalho com bebês nas instituições de acolhimento.

² Garcia Moura, Gabriella, Souza Amorim, Kátia. *A (in)visibilidade dos bebês na discussão sobre acolhimento institucional*. Psicologia em Estudo [On-line] 2013, 18 (Abril-Junio) : [Data de consulta: 10 / agosto / 2014] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287128992005>> ISSN 1413-7372

O texto citado acima ainda aponta que, em outros países, existem, além do acolhimento em pequenos grupos, como o modelo presente no Brasil, modelos diversos de acolhimento como famílias acolhedoras, que também temos em alguns municípios brasileiros; serviços que acolhem famílias propondo-se a ser um modelo de serviço preventivo, entre outros. E esta diversidade de modelos pode ser interessante.

A convenção dos direitos da criança da Unicef assinala que os Estados devem garantir o interesse superior da criança, cuidar para que cresça em um ambiente familiar e que a institucionalização seja o último recurso utilizado. Neste sentido, a Unicef vem liderando um movimento em conjunto com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), o Movimiento Mundial por la Infancia de Latinoamérica y el Caribe (MMI – LAC), Red Latinoamericana de Acogimiento Familiar (RELAF) e a representante das Nações Unidas sobre a violência sobre as crianças, para que os países da América Latina e Caribe possam empreender ações que coloquem fim à institucionalização de crianças de até 03 anos de idade, assim como acelerem os processos para que aquelas que estejam acolhidas possam voltar a viver em ambiente familiar. Este movimento é chamado #Falepormim³ e baseia-se tanto nos números extremamente altos de institucionalização nesses países, como nos prejuízos que a institucionalização pode causar aos pequenos.

³ Para mais informações: <http://www.falepormim.org/#>

O movimento Falepormim traz uma reflexão extremamente valiosa e deve ser trabalhado de forma bastante criteriosa, pois sabemos dos enormes desafios que temos pela frente antes de colocar fim à institucionalização de crianças com menos de três anos no Brasil. Muito trabalho a se fazer, por exemplo, na construção de redes de apoio às famílias, na construção de programas alternativos de assistência às crianças e às famílias, investimento maciço na formação e profissionalização das equipes que atuam nesses serviços, entre outras medidas.

Muitas vezes os processos judiciais se estendem por anos a fio e as crianças passam boa parte de seus primeiros anos em um serviço de acolhimento. Sabe-se que a demora nos processos acontece não apenas por negligência dos profissionais, mas porque muitos processos apresentam uma grande complexidade, exigindo muito das equipes que deles se ocupam e sendo necessário um trabalho em rede eficiente. Por outro lado, o limite entre acelerar os processos visando o interesse maior da criança e fazer reintegrações familiares ou adoções pouco cuidadas, que acabam sendo mal sucedidas, é tênue e, portanto, é preciso atenção e cuidado.

A questão não é, apenas, acelerar os processos, mas poder criar procedimentos e serviços alternativos que possam prevenir e evitar muitos dos acolhimentos, como serviços de assistência às famílias, e que permitam que as coisas caminhem mais rapidamente, como serviços eficazes de escuta às gestantes, com profissionais bem preparados, que possam ajudá-las, entre outras coisas, a fazer a entrega voluntária de seu bebê de forma cuidadosa, quando for o caso.

Os desafios são muitos, mas não se pode paralisar diante deles. O tempo urge e temos que buscar novas alternativas para que se diminua o número de acolhimentos no Brasil e para que o acolhimento de bebês ofereça sempre as condições necessárias e suficientes para seu bom desenvolvimento.

Lóczy: uma inspiradora experiência de acolhimento na primeira infância

Ao longo dos anos de atuação do Palavra de Bebê, deparamo-nos com experiências inspiradoras que têm contribuído muito para pensarmos o trabalho dos profissionais nos serviços de acolhimento. Uma delas é Lóczy, instituição criada na cidade de Budapeste, Hungria, para acolher crianças entre zero e seis anos separadas de suas famílias após a Segunda Guerra Mundial.

Dirigida pela pediatra Emmi Pikler, Lóczy tornou-se referência em várias partes do mundo principalmente porque as crianças que ali passaram alguns anos não apresentaram sinais de institucionalização, comuns em crianças que vivem separadas de suas famílias em outras instituições. O Instituto Emmi Pikler, como passou a ser chamado a partir de 1986 em homenagem a sua fundadora, acolheu crianças durante sessenta anos e, em 2006, por mudanças na política pública de acolhimento naquele país, passou a funcionar como escola de Educação Infantil para crianças de zero a três anos.

Para construir sua metodologia de intervenção junto aos bebês, Emmi Pikler baseou-se na observação deles e no reconhecimento de que, desde seu nascimento, são sujeitos ativos e não apenas passivos necessitando de cuidados. Os dois pilares fundamentais de sua abordagem são a segurança afetiva e o movimento livre.

Em Lóczy, as educadoras são orientadas a sempre falar com os bebês durante os cuidados diários, tais como banho, trocas de fraldas e alimentação, olhando nos olhos do bebê e percebendo suas reações. Isso porque o bebê capta a intencionalidade por trás das palavras que lhe são ditas e se mostra mais calmo e colaborativo quando antecipamos e nomeamos de forma clara e simples o que está se passando e o que vai acontecer a seguir.

Quando o ritmo dos cuidados diários se repete, os bebês se sentem mais seguros e o ambiente se torna mais calmo e tranquilo. Eles aprendem a esperar porque confiam no adulto que sempre os atendeu de forma rítmica, isto é, seguindo uma rotina e uma sequência nos cuidados do cotidiano. Nada é feito com pressa ou afobação e a orientação é que seja dado o tempo necessário para que o bebê aproveite a experiência de forma prazerosa, sentindo cada cuidado que recebe.

Uma rotina bem pensada e uma equipe que trabalhe alinhada possibilitam que haja uma organização do tempo no serviço de acolhimento de modo que os cuidados diários com os bebês sejam realizados com tranquilidade e prazer, tanto para o bebê quanto para o profissional.

Partindo desse princípio, a formação da equipe de educadores é realizada de maneira criteriosa em Lóczy. Antes de começar a atuar, as educadoras passam por uma formação inicial de um mês, onde elas aprendem sobre a rotina de cuidados dispensados aos bebês e observam as profissionais que já atuam na instituição. Só depois, passam a cuidar de uma criança com a supervisão constante de uma profissional mais experiente. Semanalmente, realizam reuniões com toda a equipe em que discutem o desenvolvimento de cada criança, os desafios e as conquistas. Gradativamente, a nova educadora vai ganhando confiança e assumindo os cuidados por mais crianças, sempre contando com a supervisão de outra profissional. Cada educadora, já formada, tem aos seus cuidados entre seis e oito crianças.

Em função da complexidade do trabalho nos serviços de acolhimento, as formações de educadores e as reuniões semanais de equipe são exemplos de práticas institucionais que favorecem a profissionalização e, conseqüentemente, a qualidade do trabalho. A forma de organizar a rotina institucional em Lóczy, sempre levando em conta os vínculos estabelecidos, assim como a maneira como as atividades são propostas, objetivando favorecer o desenvolvimento global e a autonomia das crianças, são ações que inspiram um acolhimento de maior qualidade junto à primeira infância.





2

A primeira
infância vem
primeiro

“Uma criança nasceu, o mundo tornou a começar.”

Guimarães Rosa

Nos últimos anos, a primeira infância⁴ tem ocupado lugar de destaque em diversas áreas do conhecimento, bem como tem sido foco de investimentos de programas, pesquisas e políticas públicas⁵. Este destaque deve-se ao fato de que as experiências tidas nos primeiros anos de vida determinam de maneira significativa o desenvolvimento biopsicossocial de cada pessoa nos estágios posteriores da vida.

Estudos e pesquisas têm demonstrado a estreita relação entre o desenvolvimento cerebral e o vínculo estabelecido entre o bebê e seu ambiente (mais especificamente seu cuidador⁶), e, por consequência, a influência dessa relação no desenvolvimento da cognição e do comportamento nos anos que se seguem. Nesse sentido, a maneira como os cuidados são dispensados ao bebê são muito importantes, merecendo atenção especial.

No nascimento, o cérebro humano está pouco desenvolvido. A maioria de seus 100 bilhões de neurônios ainda não está ligada em rede, ou seja, não estabeleceu as ligações necessárias para que o cérebro comande os diferentes movimentos do corpo, decodifique e classifique as informações recebidas, identifique e compreenda sentimentos, desenvolva o raciocínio verbal, numérico, etc. Essas ligações, chamadas sinapses, formam os circuitos responsáveis por ligar as diferentes áreas do cérebro.

Entre zero e três anos de idade constroem-se 90% das sinapses que serão utilizadas e reforçadas na vida diária, passando a fazer parte do circuito permanente do cérebro.

Sabemos que os bebês apresentam uma grande dependência em relação a seus cuidadores no início da vida. Pode-se, até, dizer que todo bebê é “premature”, mesmo aqueles

⁴ Deve-se enfatizar que o foco deste livro será a faixa etária dos zero aos três anos de idade.

⁵ Uma grande referência neste trabalho no Brasil é a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal – www.fmcsv.org.br.

⁶ Quando nos referirmos ao cuidador designamos a mãe, o educador ou qualquer outra pessoa que ofereça à criança cuidados necessários e suficientes para que ela se desenvolva física e psicologicamente.

que nascem com nove meses de gestação completos, pois precisam, para sobreviver, de um adulto atento e dedicado às suas manifestações, e que possa lhes oferecer cuidados tanto no que diz respeito a suas necessidades básicas de higiene e alimentação, quanto para introduzi-lo no universo das trocas afetivas. Todo bebê precisa da presença de outro ser humano que possa lhe assegurar condições para sua sobrevivência física e psíquica, para que se torne uma pessoa e possa falar em nome próprio. Portanto, muitas dessas experiências vividas nos primeiros anos dizem respeito às relações que são estabelecidas na vida dos bebês desde a mais tenra infância.

Ao nascer, o desenvolvimento motor e físico do bebê está apenas começando. Os estímulos do ambiente que chegam através dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) são muito novos e requerem aprendizado, identificação e classificação, o que acontece gradativamente através da experimentação. A partir da relação com os adultos cuidadores, os bebês constroem seus ritmos de sono e alimentação, desenvolvem a linguagem e a capacidade de raciocínio.

Assim, tornar-se uma pessoa, algo que parece tão natural aos nossos olhos, acontece a partir da relação do bebê com aqueles que dele cuidam e através de um complexo processo de desenvolvimento. Não basta esperar a passagem do tempo para que tudo isso aconteça de forma automática. A maturação neurológica acontece em etapas e existem tempos ou momentos mais propícios à aquisição e construção de certas habilidades. São as chamadas janelas no desenvolvimento neurológico.

A passagem do tempo é importante e deve ser levada em consideração pelos profissionais que trabalham com a primeira infância, mas só ela não é suficiente. Todas as conquistas das crianças dependem das experiências vividas e da relação com um adulto que esteja atento e interessado pelo bebê. Por exemplo, um bebê em boas condições de saúde física não falará se antes não tiverem falado com ele e falado por ele. Não se reconhecerá pelo nome, se não tiver sido chamado por esse nome pelas pessoas que cuidam dele. Não se desenvolverá e realizará sonhos se não houver alguém que antes tenha sonhado coisas para ele.

Até o brincar, que é a forma como as crianças se manifestam e nos parece algo tão natural da infância, não acontecerá automaticamente sem a intermediação inicial de um adulto cuidador. As primeiras brincadeiras e jogos das crianças são construídos na relação

com seus cuidadores e são fundamentais para seu desenvolvimento. Para que a criança possa brincar de faz-de-conta ou de jogos com regras, é importante que seus pais ou educadores tenham brincado com ela desde os primeiros meses de vida.⁷

Dessa forma, o tempo da primeira infância é um tempo fundamental no que diz respeito à maturação cerebral, ao desenvolvimento físico e à constituição psíquica da criança.

Se por um lado os cuidados nesse período são essenciais para o desenvolvimento infantil, é importante também que, quando algo não vai bem, seja observado logo e intervenções sejam realizadas o mais cedo possível, de forma a contar com a plasticidade neuronal característica desse período.

“Assim, há uma urgência na detecção de sinais de risco para o desenvolvimento e na intervenção com os bebês, uma vez que todo processo de maturação e desenvolvimento que ocorre na primeira infância pode favorecer a superação dos obstáculos com os quais as crianças se deparam nesse período crucial.”⁸

Da mesma forma que enfatizamos a importância dos primeiros anos de vida, dos vínculos e cuidados recebidos nesse período como fundamentais para o desenvolvimento de cada um, sabemos que boas experiências nesse tempo favorecem a superação de dificuldades ao longo de toda vida. Nada está definido a priori e, em certas condições, a capacidade de transformação de experiências está sempre presente.

Deve-se ressaltar que a superação de comprometimentos e traumas que tiveram origem na infância será sempre possível, seja em maior ou menor grau, dependendo muito do quanto isso foi ou não profundo, do ambiente no qual essa criança está inserida e das pessoas e relações que se estabelecem em sua história.

Ao estudar o comportamento humano, psicólogos reconheceram uma capacidade de superação de traumas e dificuldades e denominaram-na resiliência, ou seja, a capacidade

⁷ Para saber mais sobre a importância do brincar e suas particularidades, recomendamos o capítulo “Brincando com bebês”. In: *Entre o singular e o coletivo: o acolhimento de bebês em abrigos*, Fernanda Nogueira (org.). São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011. Disponível para download no site www.fazendohistoria.org.br.

⁸ Paula Albano, “O que é um bebê?”. In: *Entre o singular e o coletivo: o acolhimento de bebês em abrigos*, Fernanda Nogueira (org.). São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011, p. 34-35. Disponível para download no site www.fazendohistoria.org.br.

de minimizar, prevenir ou superar os efeitos nocivos das adversidades e ter uma vida ativa e cheia de significado. Crianças resilientes são aquelas que, apesar de terem vivido situações adversas, conseguem desenvolver suas capacidades pessoais, tornam-se produtivas, estabelecem relações saudáveis e encontram o equilíbrio emocional por meio da superação destas situações.

A resiliência está associada ao estabelecimento de um vínculo importante, saudável e significativo. Pode ser um vínculo do passado ou do presente, mas é sempre descrito pelos indivíduos considerados resilientes como a experiência de se sentir verdadeiramente aceito e reconhecido pelo outro, pelo grupo e/ou pela coletividade.

Gostaríamos de enfatizar que acolher bebês, sujeitos em constituição, traz muitos desafios aos diversos profissionais envolvidos. Os educadores e a relação que estabelecem com os bebês, como já dito, são fundamentais para seu desenvolvimento global. Oferecer cuidados singularizados e não anônimos no ambiente coletivo da instituição é essencial e uma tarefa e tanto para a equipe. Assim, fica marcada a necessidade de que os serviços de acolhimento ofereçam formação e supervisão aos seus profissionais, além de espaços para cuidar do cuidador, profissional que exerce um papel fundamental na vida dos bebês e que precisa ser cuidado, valorizado e bem acompanhado.





3

Desenvolvimento infantil

“O desenvolvimento não é um processo linear, mas ocorre por saltos e por degraus, cujo ritmo varia conforme os indivíduos.”

Judit Falk

Várias são as teorias sobre o desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, as formas de compreendê-lo e mensurá-lo. Independente de quais sejam, elas sinalizam a aquisição de habilidades e capacidades em nível motor, cognitivo e emocional, que são influenciadas por fatores genéticos, culturais e ambientais. É por isso que bebês e crianças com a mesma idade cronológica podem ainda não ter adquirido as mesmas competências.

Outro aspecto comum às teorias do desenvolvimento infantil é que as conquistas dos bebês e crianças não acontecem sempre sequencialmente – por exemplo, engatinhar, ficar em pé com apoio e andar (alguns bebês podem não engatinhar, sem que isso prejudique seus primeiros passinhos). Entre essas conquistas, o bebê desenvolve “pequenas” habilidades, fundamentais para que as “grandes” aconteçam.

Do mesmo modo, cada nova conquista é marcada por avanços e retrocessos em outras habilidades e capacidades já adquiridas. Uma criança que está descobrindo ou aprendendo uma nova competência, gasta tanta energia nessa tarefa, que pode afetar temporariamente seu humor ou seu padrão de sono e alimentação. Daí a importância de olhar para cada bebê e criança como sujeitos únicos.

Comparar o desenvolvimento de uma criança ao de outras pode ser um tanto arriscado se não considerarmos sua história individual e as várias dimensões do desenvolvimento. As tabelas e gráficos que aparecem em manuais médicos e cadernetas de saúde mostram a idade média em que certas habilidades ou capacidades são adquiridas, destacando, em sua grande maioria, somente os principais balizadores do desenvolvimento infantil. Vale ressaltar que tais tabelas e gráficos servem como uma referência para os profissionais que acompanham bebês e crianças, não podendo ser usados como único meio para diagnosticar o atraso ou a precocidade de um bebê ou criança.

Dizer que aos sete meses um bebê não senta sem apoio não tem nenhum significado quando olhado isoladamente. Para que este dado tenha sentido e alguma relevância, é preciso relacioná-lo a outros fatores, como por exemplo, a interação do bebê com outras pessoas, como se dá a ingestão de alimentos sólidos, se ele senta com apoio, onde ele passa a maior parte do dia, entre outros. Da mesma forma, não há nenhuma vantagem em um bebê engatinhar ou andar mais cedo do que outros. O fundamental é que ele esteja ganhando musculatura ao rastejar, engatinhar e brincar livremente em um ambiente protegido e acolhedor.

Quando há dúvidas sobre o desenvolvimento de uma criança, as discussões de caso em equipe e com outros profissionais que a acompanham são de extrema importância para que se tenha uma compreensão global sobre a criança e se possa pensar em maneiras de intervir e se relacionar com ela de forma a ajudá-la em seu desenvolvimento.

Bebês prematuros: idade cronológica x idade corrigida

Quando pensamos no desenvolvimento de um bebê prematuro, devemos levar em consideração sua idade corrigida, já que seu padrão de desenvolvimento pode ser diferente do padrão típico de um bebê que nasce entre a 37ª e a 40ª semana gestacional. Para fazer a idade corrigida, deve-se subtrair de 40 a idade gestacional que o bebê tinha ao nascer. Então, se um bebê nasce de 32 semanas gestacionais, ele estará oito semanas ou dois meses “atrasado” em relação à sua idade cronológica. Ou seja, quando ele tiver cinco meses de idade, poderá estar se desenvolvendo como uma criança de três meses, sem que isso seja um problema.

Além de corrigir a idade dos prematuros, deve-se considerar que quando um bebê nasce prematuro, ele pode ser submetido a situações adversas na UTI neonatal (por exemplo, infecções hospitalares, eventos associados a medicamentos, ao uso de cateteres intravasculares e os relacionados à assistência respiratória do recém-nascido), as quais também poderão influenciar o seu desenvolvimento.

A diferença no desenvolvimento do bebê prematuro tende a desaparecer durante os três primeiros anos de vida. Porém, alguns deles podem apresentar atrasos no longo-prazo. O importante é manter o acompanhamento periódico com o pediatra, para que ele possa investigar qualquer sinal de alerta e encaminhar o bebê para atendimento especializado quando necessário.

Favorecendo o desenvolvimento dos bebês

Uma fala bastante comum entre profissionais que trabalham com a primeira infância é que o bebê precisa de estímulo para se desenvolver. De fato, isso é verdadeiro. Mas, ao contrário do que muitos pensam, a estimulação, salvo algumas exceções, não requer nenhuma atividade específica ou especializada. Desde que haja condições ambientais favoráveis, ou seja, vínculos afetivos e um ambiente físico preparado, os estímulos que promovem o desenvolvimento do bebê se encontram no seu cotidiano.

Na vida intrauterina e após o nascimento, toda experiência do bebê passa pelo corpo. É através dele que o bebê expressa suas sensações de prazer ou desprazer, bem estar ou mal estar, dor ou desconforto. É com o corpo que o bebê vivencia suas descobertas e conhecimentos de si e do mundo. Na medida em que oferecemos ao bebê um ambiente seguro, acolhedor e relaxado o suficiente para que ele possa se expressar livremente, permitimos-lhe seguir em suas observações e explorações. Em outras palavras, permitimos-lhe brincar!

Através do brincar, o bebê conhece seu próprio corpo e limites, reconhece o mundo exterior e o limite entre ele e as pessoas e objetos que o cercam. Brincar possibilita que construa sua compreensão de mundo, a noção de tempo e espaço, de causa e efeito. Contribui para estreitar os vínculos afetivos, para superar os medos e elaborar conflitos, além de favorecer o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da solução de problemas e a construção de recursos internos para lidar com as dificuldades que se apresentarão ao longo da vida.

Podemos dizer que o bebê brinca desde que nasce. Ele olha o que tem ao seu redor, brinca com suas mãozinhas, com o lençol que o cobre, com a roupa de quem o cuida. Brinca com os sons que sai de sua boca, com os movimentos que consegue fazer com seu corpo, com o que lhe é oferecido e com o que é capaz de buscar sozinho. Brinca com quem se dedica aos seus cuidados, especialmente quando este responde às suas brincadeiras.

O brincar favorece o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. Brincando o bebê explora os movimentos de seu corpo, experimenta estar em novas posições e espaços, o que é essencial para sentir-se confiante e capaz de dar um passo adiante em suas conquistas motoras. Tais experimentações, contudo, só acontecem diante de uma condição ambiental suficientemente segura e livre.

O adulto precisa considerar o bebê um sujeito potente e ativo, não um mero receptor de cuidados. Por maior que seja sua dependência em relação ao adulto, o bebê, desde bem pequeno, já esboça preferências e movimentos autônomos e colaborativos, se lhe dermos chances para isso. No trocador, por exemplo, se não tivermos pressa, é possível, na medida em que antecipamos e dizemos ao bebê o que estamos fazendo, que ele ofereça seu bracinho ou perninha para ser vestido ou despido.

Respeitar o ritmo do bebê é confiar na sua capacidade de desenvolvimento e independência. Por isso, não há necessidade do adulto ensinar a criança a sentar-se, engatinhar, andar, etc. Não se deve adiantar nenhuma fase, nem colocar a criança em uma posição que ela não tenha conquistado por si mesma, para a qual talvez ainda não esteja pronta ou não consiga sair sozinha. Por exemplo, não devemos colocar bebês sentados com apoio se eles ainda não conseguem se sentar sozinhos. A conquista própria de posturas permite que o bebê volte à posição anterior sempre que tiver vontade, de forma segura e controlada. Assim, ele pode experimentar essa situação diversas vezes, até que a nova posição esteja bem assimilada, sem que um adulto precise ajudá-lo.

Permitir ao bebê brincar sozinho não é deixá-lo desassistido, mas sim estar presente através da observação e de eventuais intervenções que possam se fazer necessárias. Para brincar sozinho, o bebê precisa da segurança que é conferida com a presença do adulto em seu campo de visão. Quando o adulto precisa se ausentar brevemente, é importante marcar sua saída, informando onde estará e quando retornará. O adulto pode continuar, mesmo à distância, dialogando com ele, cantando uma musiquinha. A voz do cuidador também ajuda o bebê sentir-se seguro nos momentos de breve ausência.

Outro aspecto essencial para favorecer o desenvolvimento dos bebês é o ambiente físico, que deve ser preparado e organizado para que os bebês tenham espaço a sua volta e possam descobrir e exercer suas possibilidades motoras enquanto brincam. A partir dos três meses, os bebês devem ser colocados no chão, sempre de barriga para cima, onde possam se movimentar a vontade, para que passem por todas as etapas do desenvolvimento motor: deitar-se de lado, de bruços, rolar, engatinhar, sentar-se, ficar de pé e andar. Deve-se ressaltar que esses espaços precisam ser aconchegantes, seguros (cercados), preferencialmente com piso quente (como madeira, MDF ou EVA), para que possam se movimentar

com liberdade, interagir com outras crianças e explorar seu entorno sem riscos. Do mesmo modo, precisamos estar atentos a tudo que pode limitar seus movimentos: roupas e sapatos apertados ou desconfortáveis e acessórios, equipamentos ou objetos que limitem a livre exploração.

Por mais que o berço, o carrinho e o bebê conforto forneçam um espaço seguro, este espaço é muito limitado para quem está em desenvolvimento e precisando explorar seu próprio corpo e o que tem a sua volta. A partir de três meses, os bebês devem ficar nos berços apenas enquanto dormem ou repousam. Quando despertos, é importante que possam ficar em outros ambientes da casa ou ao ar livre.

É importante também que o bebê tenha acesso a diferentes objetos que possam ser levados à boca, Tateados, acarinhados, arremessados, puxados, apertados, colocados um dentro do outro, empilhados. Os brinquedos para bebês devem propiciar diversidade de experiências e o desenvolvimento da fantasia. Eles não precisam ser muito elaborados e em grande quantidade – objetos simples como panos coloridos, fitas de cetim, caixas, potes, bacias, espelhos, chocalhos, peneiras e colheres de pau ou plástico podem oferecer horas de brincadeiras às crianças, pela riqueza do novo e pela plasticidade de se “transformarem” de acordo com a imaginação. O brinquedo pronto, elaborado, que “faz tudo sozinho”, deixa a criança numa posição passiva, uma vez que não dá muita brecha para as fantasias e as descobertas se manifestarem.

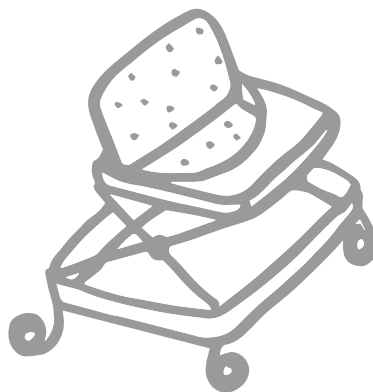
É preciso estar atento para que os brinquedos não tirem ou substituam o tempo de interação entre o educador e a criança. O educador deve também brincar com o olhar, com as palavras, com seu próprio corpo (batendo palmas, fazendo caretas, sons com a boca), bem como cantar músicas, fazer cócegas, brincar de “Cadê? Achou!” usando a toalha ao sair do banho ou a roupinha na hora da troca, criando uma relação de intimidade e de afeto com o bebê.

Conforme o bebê cresce, ele convoca cada vez mais o lugar de brincante do educador. Ele arremessa e arrasta objetos, se esconde, coloca brinquedos menores dentro dos maiores. O que, a princípio, pode ser algo chato para o adulto por conta da repetição de ações ou mesmo pela eventual bagunça que se faça, são ricos jogos que contribuem para o desenvolvimento emocional da criança. Por isso, empreste-se ao bebê para estas brincadeiras!

Brincar é bom e muito saudável. Contudo, todo excesso pode ser cansativo e estressante para o bebê. Quando ele esboçar sinais de que seu tempo numa determinada atividade ou local da casa foi suficiente, valide seu pedido de que é hora de parar. Afinal, descansando ele recuperará energia para o próximo momento de descobertas.

Andador: um equipamento perigoso e desnecessário

O andador, equipamento que muitos pais e educadores brasileiros utilizam com os bebês entre seis e quinze meses, traz diversos riscos de acidentes e de atrasos no desenvolvimento. Sua comercialização e uso já são proibidos em alguns países. No Brasil, é condenado pela Sociedade Brasileira de Pediatria, que alega que uma em cada três crianças que o utilizam sofrem traumatismos, 80% destes por queda de escadas. É verdade que o andador confere independência à criança; no entanto, é extremamente arriscado dar independência demais numa fase em que ela ainda não tem a mínima noção de perigo. Além da possibilidade de acidentes que seu uso traz, o andador atrasa o desenvolvimento psicomotor da criança. Bebês que o utilizam engatinham menos e levam mais tempo para ficar em pé e caminhar sem apoio. A satisfação da criança ao usar o andador não vale o risco. Um bebê fica feliz por muito menos: experimente colocá-lo em um ambiente seguro, rodeado por brinquedos e brincar com ele; medidas que com certeza vão lhe proporcionar segurança e sorrisos!



4

A **palavra** que
apresenta o
mundo

“Espero fazer compreender assim o papel do ‘falar a verdade’ (...), muitas vezes dura de escutar, mas que, se falada e dita parte a parte, permite ao sujeito construir-se e humanizar-se a partir daí”.

Françoise Dolto

Por que falar com os bebês? Será que eles entendem? Um bebezinho, antes mesmo de nascer, está imerso no universo da linguagem – ele é falado pela sua mãe e pelas pessoas à sua volta, que falam sobre ele e muitas vezes conversam com ele. Não é raro encontramos pais que conversam com os filhos, mesmo quando eles ainda estão dentro da barriga. Muitas mães, pais, tios e avós fazem planos e incluem esse bebê, que nem nasceu ainda, na rede familiar e na sociedade: “Acho que a Joaquina vai ser bailarina!”; “O Marquinho chuta tanto que vai ser jogador de futebol”. Por meio desses gestos, falas e conversas, os adultos expressam sonhos e expectativas em relação àquela criança que ainda está por vir e, assim, preparam-se para recebê-la. Mas, mais do que isso, eles também propiciam um lugar para o bebê pertencer e elaboram um projeto de futuro para essa criança.

Quando este bebezinho nasce, ele experimenta o mundo pela primeira vez – sente o frio do ambiente, o ar entrando pelos seus pulmões, a luz do local, o som das coisas à sua volta e realiza sua primeira forma de se comunicar: ele chora! Neste momento, algo se apresenta como familiar ao bebê: a voz de sua mãe, que ele reconhece desde o quarto mês de gestação, assim como as outras vozes que ouviu regularmente na fase intrauterina. Esta voz familiar acolhe, então, o desconforto do bebê e o faz perceber que não está sozinho.

Pesquisas mostram que a voz materna acalma o bebê no momento do nascimento e é, também, pela voz que ele será recebido pela mãe. A voz é, portanto, a primeira referência já conhecida do bebê ao nascer e será por meio dela que ele construirá o primeiro vínculo com sua mãe.

Quando pensamos nos bebês que foram separados de suas famílias e, portanto, “dessas vozes” que lhes eram conhecidas, devemos pensar que entram em sua vida outras pessoas com quem ele terá que formar novos vínculos. Assim, as palavras dos educadores ou de

membros das famílias acolhedoras têm grande importância: devem receber, acalmar e apresentar esse novo lugar ao bebê. Assim como uma mãe apresenta o mundo para seu filho, os educadores fazem essa função com cada criança que chega à instituição e os membros de uma família acolhedora ao apresentar sua nova casa. Ao falar frequentemente com ele, o educador ou membro da família acolhedora se deixa conhecer e oferece sua voz para que o bebê se vincule a ele. Sua voz se tornará uma primeira referência para o bebê nessa nova situação. Aos poucos, através dessa relação, que se constrói por meio do afeto e das falas que são dirigidas ao bebê, o serviço de acolhimento se transforma em um ambiente no qual o bebê se sentirá acolhido, seguro e protegido.

Portanto, no momento de chegada do bebê ao serviço de acolhimento, é importante contar-lhe onde ele está, quem são aquelas pessoas à sua volta, por quem ele será cuidado enquanto estiver ali, mostrar o seu quarto, seu berço e outros cômodos da casa. É importante também dizer-lhe o que está acontecendo, nomeando que ele foi separado de sua mãe e/ou família e que ali não estará sozinho e será cuidado por outras pessoas. E, principalmente, assegurar-lhe que, mesmo em um ambiente coletivo, terá sua história particular resguardada e um projeto de futuro construído.

Os bebês que precisam da medida do acolhimento já têm suas histórias de vidas atravessadas por uma separação e precisam da ajuda de um adulto para compreenderem o que aconteceu, por que não estão com suas mães e por que estão em um serviço de acolhimento. Assim, falar com eles se torna fundamental. Os bebês têm direito e precisam saber de sua história, bem como que o serviço de acolhimento será seu lugar de cuidados pelo tempo que for necessário.

Na maioria dos casos, as histórias são difíceis e os adultos não sabem como dizer ao bebê ou à criança o motivo de seu acolhimento, preferindo o silêncio ou dizer-lhe que sua mãe chegará em breve, como forma de acalmá-lo. Sabemos, no entanto, que o silêncio e a mentira geram grande angústia no bebê. O silêncio, pelo fato de que ele está vivendo uma situação muito difícil e não encontra um adulto que possa lhe explicar o que está acontecendo; a mentira, porque pode gerar uma expectativa que, quando frustrada, causa um sofrimento maior para aquela criança que pode se sentir, de novo, abandonada pela mãe “que não veio”.

O grande desafio, então, é descobrir como colocar em palavras para o bebê a sua história, o que deve ser uma construção coletiva, de toda a equipe do serviço de acolhimento. As discussões de caso são fundamentais nesse sentido ao oferecer um espaço de reflexão no qual os profissionais podem falar de suas próprias dificuldades sobre um determinado caso e encontrar, conjuntamente, uma forma de contar para o bebê por que ele está ali, quem é sua mãe, sua família, o que o impossibilitou de estar junto a ela e, nos casos de destituição do poder familiar, que estão tentando encontrar uma nova família que poderá cuidar dele. O relato da história para o bebê deve ser muito cuidadoso e os profissionais precisam estar atentos para falar-lhe de maneira que ele possa entender o que está se passando em sua vida. Portanto, a escolha das palavras e do que será dito é fundamental para que não gere mais sofrimento.

Falar com os bebês e crianças pequenas e esclarecer as coisas, tanto na chegada quanto durante o acolhimento e na saída é função essencial dos educadores. O exemplo a seguir ilustra essa importância:

Chico era um garotinho sapeca que encantava a todos no serviço de acolhimento. Estava acolhido há dois anos quando passou a receber visitas de uma família substituta. O processo de adoção, no entanto, não teve sucesso, deixando toda a equipe da casa muito triste e frustrada. A dor da equipe era tanta que ninguém conseguia conversar com Chico sobre o que tinha acontecido e ele não parava de perguntar sobre sua “mãe”. Não entendendo o que se passava, começou a chorar por qualquer coisa e nada o acalmava. Um educador muito sensível, que vinha fazendo o álbum da história⁹ de Chico, se propôs a escrever uma carta para ele contando o que tinha acontecido. Nas discussões da equipe sobre o caso e no processo de escrita dessa carta, o educador foi se preparando e encontrando apoio no grupo de profissionais do serviço para ter a difícil e importante conversa com o menino. A carta foi para o álbum e ficou dentro de um envelope. Numa oportunidade em que Chico via seu álbum com o educador, este pôde ler a carta e conversar com o garoto sobre o que havia acontecido, ajudando-o a entender e elaborar este pedacinho de sua história. Com o tempo e a possibilidade de falar sobre isso, ele foi ficando mais tranquilo.

⁹ O álbum de história é uma ferramenta utilizada por alguns programas do Instituto Fazendo História. Falaremos sobre ele no capítulo 5.

Falar sobre a história de vida

- *O sentido de se falar sobre a história para o bebê deve estar claro para o educador e para toda a equipe.*
- *Tudo que for conversado deve ser feito levando-se em conta a idade e a compreensão da criança.*
- *Deve-se respeitar o tempo de cada um na elaboração de sua história. Não se deve “empurrar a história goela abaixo” nem, por outro lado, silenciar ou omitir uma história, mas estar atento às manifestações da criança, discutir o caso e pensar condutas em equipe.*
- *Não há receita para saber como e quando é a hora de falar sobre o assunto. A observação da criança e a possibilidade de entender suas manifestações, sempre contextualizadas em sua história, é o que dará elementos à equipe para pensar sentidos e formas para se falar sobre o que é importante.*

Palavras que antecipam o cuidado e nomeiam o choro e outras manifestações

Para o bebê começar a falar é necessário que, primeiramente, um adulto fale com ele. Assim, durante os momentos de cuidado com o bebê, mesmo quando ele ainda é recém-nascido, o adulto conversa com ele, nomeia seus gestos e “tenta adivinhar” o que ele sente: “Léo, vamos tomar um banho gostoso?”; “Marina, parece que você está gostando desse leiteinho!”; “Ai que dor horrível, né, Brenda?!”. Tudo isso pode parecer uma loucura, mas é a partir das falas, que o adulto dirige ao bebê, que este começa a aprender os sons das palavras e, mais adiante, emite vocalizações, que depois, ao longo de seu desenvolvimento, se transformam em suas primeiras palavras. É na relação com adultos e outras crianças, que um bebê constrói seu repertório e torna-se um indivíduo falante como todos nós.

Além de inseri-los no contexto social e ensinar-lhes a se comunicar pelas palavras, falar com os bebês tem outra função importante: fortalecer o vínculo entre ele e o adulto cuidador. Escutar uma voz conhecida o acalma e, à medida que o adulto antecipa os cuidados que o bebê solicita através de seu choro ou de outras manifestações, dizendo, por exemplo, “Espere um pouquinho, eu já vou te dar a mamadeira”, o bebê começa a perceber a aproximação dos

cuidados e espera com a certeza de que será atendido. Esta certeza, que o faz parar de chorar, é sustentada pelo vínculo e pela confiança que construiu na relação com quem o cuida.

Assim, falar com o bebê desde a sua chegada ao mundo – seja no ambiente familiar, seja no serviço de acolhimento – durante as trocas, mamadas, alimentação, banho e brincadeiras é considerá-lo um sujeito. É acreditar em seu potencial de entender o que estamos falando, apostar que ele tem algo a nos dizer e, a partir daí, estabelecer um diálogo com ele, que auxilia em seu processo de desenvolvimento físico e psíquico.



Leitura para bebês

Assim como falamos com os bebês antes deles falarem, devemos ler para os bebês antes deles aprenderem a ler, mesmo para os bem pequenininhos. A leitura estreita o laço entre o bebê e o leitor, além de permitir a aprendizagem e a exploração dos sons, palavras, cores, formas, texturas, sensações e emoções.

Através da leitura, o bebê amplia seu vocabulário e estimula sua memória, sua capacidade de observação, de descoberta e imitação, beneficiando diretamente o desenvolvimento da fala e a interação com o mundo a sua volta. O bebê se interessa pela variação da voz do leitor, pelo movimento de virar as páginas, pelo contato físico e sensorial com os livros. Por isso, os livros para bebês devem estar ao seu alcance e ser simples, atraentes, coloridos, macios e resistentes.

Além dos momentos em que o educador lê para o bebê, é importante que haja momentos em que o bebê possa explorar livremente os livros como um objeto a mais de seu cotidiano, de interação e brincadeira. É preciso cuidado apenas com aqueles frágeis e que contêm imagens que saltam das páginas; por rasgarem facilmente, estes livros precisam da mediação do adulto para sua leitura (e eventual reparo). Os bebês não nascem sabendo cuidar dos livros e cabe ao educador ensiná-los nesse cuidado.

A linguagem dos bebês

Os bebês não se comunicam apenas falando. Eles também fazem gestos, caretas, sorriem, choram, gritam, esperneiam, preparam seu corpo para receber colo, para trocar de roupa, entre outras manifestações. Por isso, é fundamental que o adulto demonstre interesse naquilo que o bebê conta por meio dessas formas de se comunicar, e interprete e confira sentidos para elas. Quando o adulto dá colo ao bebê, aquece-o, alimenta-o e fala com ele, atribuindo nomes, sentidos e significados às suas produções, ajuda-o a compreender cada sensação. No entanto, quando essa atenção não é possível imediatamente à comunicação do bebê, uma forma de acalmá-lo é fazer-se presente por meio da fala. Vejamos um exemplo relatado por uma educadora de um serviço de acolhimento:

“Aninha chegou muito bem cuidada, sem nenhuma assadura e gordinha. Mas como chora muito, acho que sente falta de quem cuidava dela. Parece que a mãe saía durante a noite e ela chorava sozinha por horas; por isso a denúncia de vizinhos ao Conselho Tutelar. Percebo que ela precisa me ver o tempo todo, senão começa a berrar e depois fica muito difícil acalmá-la. Então, quando vou trocar outro bebê, tomo o cuidado de ficar em um lugar onde ela me veja, ou, se ela não puder me ver, fico falando com ela para que saiba que eu estou ali.”

As manifestações dos bebês dizem muita coisa ao adulto cuidador que estiver atento a ele. No entanto, nem sempre é fácil entender o que alguns sinais do bebê significam. A discussão de caso em equipe, como já foi colocado, é uma ótima estratégia para que os profissionais possam supor sentidos àquilo que as crianças manifestam e, assim, pensar conjuntamente condutas a serem realizadas no cotidiano junto a cada bebê.



Manifestações que expressam sofrimento do bebê

O choro é a primeira comunicação importante do bebê e serve tanto para ele se aliviar nos momentos de angústia, quanto para comunicar algo a seus cuidadores. Para se compreender o sentido do choro do bebê, é fundamental que o adulto o leve a sério, atenda-o e tente entender o que ele está precisando. Ou seja, é necessário que o adulto tome o choro como um *chamado*, atribuindo-lhe sentido (“Deve ser fome.”; “Será que você está com cólica?”; “Acho que você está com sono.”) e ofereça objetos (tais como mamadeira, chupeta, paninho) ou condições ambientais (colo, redução de estímulos, um banho relaxante), que satisfaçam o bebê.

Às vezes, o choro que não passa pode ser uma forma de o bebê descarregar tensão e buscar alívio. Ele pode, até, adormecer depois de chorar muito. Em algumas situações, o choro pode ser um sinal de que algo não vai bem, apontando para algum tipo de sofrimento do bebê.

Há formas do bebê comunicar que algo não vai bem que se manifestam por meio de sinais ditos “barulhentos”, e que devem chamar a atenção do adulto, como alergias, dificuldades respiratórias, infecções recorrentes, problemas digestivos, distúrbios de alimentação e sono, doenças de pele, retardamento motor, enurese (fazer xixi na roupa), agressividade, irritabilidade e oscilação de humor. Há, também, sinais que remetem a um “silêncio” no seu desenvolvimento, que podem ser percebidos nos bebês que dormem demais, não choram, são muito quietos e não solicitam atenção, mesmo quando estão com fome, frio ou necessitam trocar suas roupas molhadas ou sujas. No contexto coletivo do serviço de acolhimento, esses sinais “silenciosos” podem ser confundidos como uma boa adaptação por parte do bebê, que não demanda atenção. Mas, deve-se estar atento, pois eles podem sugerir sofrimento do bebê e, em alguns casos, estar relacionados a uma percepção precoce do bebê de que não há um adulto disponível para ele (por isso, desiste de chamar a atenção).

Vale enfatizar a importância de que os sinais de sofrimento do bebê sejam sempre analisados e compreendidos a partir da história singular de cada um. Não há regra e não se deve fazer suposições descontextualizadas em relação aos comportamentos das crianças. Há bebês, por exemplo, que podem esperar mais tempo para serem atendidos do que outros, sem que essa espera se configure como algo traumático. Por outro lado, há bebês que

precisam de uma presença mais constante do educador e a falta dessa presença pode ser muito desorganizadora, como no exemplo de Aninha. Dessa forma, o olhar singular para cada criança, o conhecimento da história e a possibilidade de refletir em equipe sobre cada caso são fundamentais.

Outros sinais de sofrimento:

- **Alimentação** – A hora da alimentação é um momento privilegiado de relação e troca. Quando um bebê é alimentado passivamente, sem apetite e sem prazer, não importando quem o alimenta, isso pode indicar sua indiferença no contato e, portanto, uma dificuldade em criar vínculos, tão essenciais para o desenvolvimento humano.
- **Sono e silêncio** – Atenção para os bebês muito quietos ou que dormem demasiadamente. Dormir em excesso pode ser uma alternativa para se proteger de algum sofrimento. Lembramos que os bebês, principalmente os recém-nascidos, precisam dormir muitas horas por dia para garantir seu desenvolvimento, mas o que queremos salientar aqui é que, em alguns casos, é importante ter cuidado para não confundir um bebê muito quietinho com uma boa adaptação do mesmo. Portanto, se a “calma” de um bebê chamar atenção, é interessante que se discuta isso em equipe para compartilhar as impressões com os colegas e ouvir suas observações. Cada bebê tem seu ritmo e alguns podem precisar dormir mais que outros, sem que isso signifique algo mais sério. Por isso, é importante observar outros comportamentos: se o bebê é receptivo aos cuidados, se chora quando se sente incomodado e se acalma quando atendido, se emite vocalizações e se prendem a sua atenção quando falam ou brincam com ele. Há de se estar atento, também, aos bebês que ficam acordados por longos períodos em seus berços sem se incomodar, chorar ou brincar.
- **Balanceios** – Os balanceios (movimento com o corpo para frente e para trás ou de um lado para o outro), quando muito frequentes, podem indicar sinal de sofrimento. É importante observar quando e como acontecem. O educador atento poderá compreender, junto com sua equipe, o que se passa com a criança e assim traçar estratégias de ação para ajudá-la. Em alguns casos, é importante buscar ajuda especializada.

Sinais de sofrimento em situações de abstinência neonatal

Há um número crescente de bebês em situação de acolhimento cujas mães são usuárias de drogas e fizeram uso dessas substâncias durante a gravidez – tanto álcool, tabaco e/ou drogas ilícitas (como maconha, crack, cocaína, heroína), quanto medicamentos controlados (como anfetaminas, barbitúricos, metadona, codeína, entre outros).

Na gestação, as drogas passam para o bebê através das trocas de nutrientes na placenta, a área do útero que conecta o feto à sua mãe. Dessa maneira, o bebê poderá apresentar alguns sintomas devido à intoxicação aguda provocada pela droga. Tais sintomas dependem do tipo e da quantidade de droga que a mãe utilizou, assim como a quantidade de tempo de uso por ela. Eles aparecem nos primeiros dias após o nascimento e incluem uma variedade de comportamentos como tremores, hipertonia (rigidez muscular), irritabilidade, choro alto e “gritado”, alimentação pobre, sono alterado, respiração rápida, entre outros. Estes sinais tendem a diminuir e desaparecer em poucos dias.

Os recém-nascidos, que apresentam intoxicação aguda, podem ter momentos em que ficam mais irritados e apresentem dificuldade de ser conso-

lados. Uma boa forma de cuidar e acalmar os bebês é embalá-los delicadamente, envolvendo-os com pano ou cobertor, para diminuir a sensação de desorganização corporal, além de oferecer a chupeta.

Embora seja comum relacionar determinados comportamentos do bebê a sinais de abstinência em relação à droga, a síndrome de abstinência é um quadro que só se configura quando o bebê deixa de receber uma droga à qual ele era dependente junto com sua mãe. Deve-se ressaltar que a dependência do feto e a conseqüente abstinência acontecem apenas com drogas derivadas do ópio, como a heroína, cujo uso não é muito frequente em nossa sociedade.

Muitos outros fatores de vulnerabilidade costumam estar presentes numa gestação em que acontece abuso de álcool e/ou outras drogas, o que torna necessário estarmos atento para não classificarmos todos os desconfortos do bebê sob esse rótulo. Em casos de sofrimento intenso do bebê é importante buscar ajuda especializada, assim como discutir o caso em equipe para buscar formas de ajudar o bebê, sempre levando-se em conta sua história de vida.



5

A história
pessoal e familiar

“Esta será sua história particular. E por mais difícil que ela seja, é preciso que haja uma.”

Inês Catão

A história de um bebê começa a ser escrita muito antes de seu nascimento. Ela é constituída pela história de sua família, de seus pais e antepassados, e construída a partir dos sonhos e desejos que são endereçados a ele, por aqueles que o cuidam. Questões como se a gravidez foi desejada ou não, como foi o pré-natal, como foi vivida a gestação, como era a situação da família, marcam um lugar para este bebê e constroem sua história de forma única.

É diferente ser o primogênito, o caçula, o filho do meio ou o quinto de uma família de oito irmãos. Também faz diferença, nascer quando os pais passam por dificuldades financeiras, conflitos no relacionamento, se estão juntos ou separados, se estão apaixonados, bem ou mal de saúde.

As expectativas criadas sobre como e quem será este bebê constroem um lugar só dele na família e no mundo. Geralmente, aqueles que cuidam do bebê sempre lhe contam sua própria história repetidas vezes, o que faz com que a criança se reconheça nestas mesmas histórias com o passar do tempo.

No serviço de acolhimento não é diferente. Educadores e crianças criam diversas expectativas em relação a um novo bebê, que sempre mobiliza todos na casa, trazendo à tona sentimentos diversos. Dúvidas também são frequentes, pois muitas vezes os dados sobre sua história demoram a chegar, estão incompletos ou confusos. Além disso, os educadores se deparam com alguém que não conhecem e precisarão de um tempinho para se aproximar e observar esse bebê, que aos poucos contará de si através de suas expressões e comportamentos.

Mas existe, ainda, a história anterior à chegada ao serviço de acolhimento, que se configura como um grande desafio para a equipe: como conhecer e nomear uma história que pouco se sabe? Ou ainda, como falar de uma história que é muito difícil de ser encarada?

Muitos preferem não saber da história, pois acreditam que esse conhecimento influencia negativamente os cuidados com o bebê. No entanto, aí reside um perigo, pois o bebê, diferente da criança e do adolescente, não pergunta sobre sua história, não questiona diretamente, grita ou sai quebrando o que vê pela frente para entender o que vive. Isso não significa que ele não precise saber de sua história e que possamos omiti-la ou negá-la. Pelo contrário, o bebê tem outras formas de apresentar sofrimento¹⁰ por não saber de sua história, formas muito mais sutis e difíceis de serem reconhecidas.

¹⁰ Tratamos dos sinais de sofrimento no bebê no capítulo anterior no item *Manifestações que expressam sofrimento do bebê*.

Mesmo que tenha apenas alguns dias de vida, o bebê que chega ao serviço de acolhimento já é portador de uma história: quem são seus pais, qual a história deles, onde nasceu, o tipo de parto, quanto tempo ficou na maternidade, se tem irmãos, avós, tios, se veio de outra instituição, etc. Todos esses fatos fazem parte de sua trajetória, não se apagam e não podem ser ignorados. Mesmo que a história seja difícil, ela já foi vivida pelo bebê, o que torna importante que os adultos que dele se ocupam tenham disponibilidade para falar sobre isso e acompanhá-lo na sua compreensão e elaboração.

Trabalhar com as histórias de vida nos serviços de acolhimento é uma forma de oferecer um olhar individualizado para cada bebê, criança e adolescente. Todas as informações fornecidas pela família, hospital, técnicos da Vara de Infância e Juventude, Conselho Tutelar, serviço de acolhimento anterior ou professores de creches são importantes e necessárias. Conhecer essas valiosas informações favorece um bom acolhimento, pois permite aos profissionais e famílias acolhedoras uma melhor compreensão das manifestações e comportamentos de cada bebê.

Falar com o bebê e nomear fatos importantes sobre sua história é importante e oferece uma versão sobre o porquê de sua separação em relação à família, um lugar singular de cuidado e proteção. A ideia é facilitar à criança, mais adiante, construir uma versão própria a respeito de sua vida e ser autora de sua história. É importante que os adultos conversem e acompanhem as crianças nesse processo de elaboração da história e na montagem de sua narrativa.

Nesse sentido, é essencial projetar o bebê como um adulto que um dia se perguntará de onde veio e para onde vai. E, para ajudá-lo a se entender, é necessário o conhecimento de sua história passada, que não estará registrada em sua memória consciente, mas evidenciada em seu modo de ser e agir no mundo. Sendo assim, é necessário garantir ao bebê, que mora por um período em um serviço de acolhimento, a presença de um adulto que possa registrar os acontecimentos importantes de sua vida, contando de forma afetuosa sua história e também seus gostos e preferências, as pessoas com as quais convive, o lugar onde mora.

“Acreditar que a criança, e mesmo o bebê, não sabe nem deve saber nada sobre sua história é, mais que um engano, um erro. Os bebês percebem muitas coisas ainda que não compreendam o significado das palavras.”¹¹

¹¹ Inês Catão, “Bebês órfãos, abandonados e adotivos: um outro olhar sobre a questão”. No livro *O que os bebês provocam nos psicanalistas*, Maria Cristina Kupfer e Daniela Teperman (orgs.). São Paulo: Escuta, 2008, p. 38.

Vejamos um exemplo:

Luís era um pequeno bebê que chegou ao serviço de acolhimento com poucos dias de vida e logo encantou a todos. Porém, rapidamente começaram as dúvidas tão comuns quando estamos conhecendo uma nova criança que é acolhida. A história anterior foi sendo resgatada e outras histórias foram sendo construídas junto às crianças e educadores da casa. No entanto, suas cólicas constantes, o choro frequente, a incerteza da equipe quanto a possíveis sintomas de intoxicação aguda por droga e o não saber se a família conseguiria se organizar para ficar com ele marcaram uma etapa de indefinições e dúvidas na história desse garoto. Ele passou a expressar sinais de sofrimento e insegurança, precisando da presença de um educador o tempo todo ao seu lado. Uma equipe comprometida e preocupada, que se dedicou a refletir algumas vezes sobre o caso, foi fundamental para determinar um período de adaptação cauteloso e bem cuidado quando ele começou a receber visitas de uma família substituta, bem como realizar conversas constantes com ele sobre suas vivências e o momento atual. A definição de seu futuro, a possibilidade de saber o que aconteceu e o que iria acontecer com ele

a partir dali, permitiu fazer o luto da família de origem e construir laços com a nova família. Ter tempo para conhecer seus futuros pais, assim como se despedir daquela equipe que tanto lhe tinha sido importante, favoreceu a construção do vínculo com a nova família e o processo de adoção.

Neste exemplo, fica evidente que as indefinições e incertezas, tanto com relação à sua história quanto em relação aos cuidados diários que ele precisava, geravam angústia que se expressava por choros incessantes. Neste caso, a compreensão só foi possível devido à implicação da equipe que se reuniu algumas vezes para discutir o que fazer. O suporte que esses encontros davam aos profissionais foi fundamental para que pudessem aguentar os choros do bebê e manter a disponibilidade emocional necessária para acompanhá-lo.

Lidar com histórias complexas de abandono, negligência e violência exige um acompanhamento constante da equipe. Muitas vezes, o não querer saber das histórias é uma defesa contra o sofrimento que elas causam. Daí os espaços de formação, reflexão e supervisão institucional serem fundamentais.



Uma história...

“Nossa equipe estava, há algum tempo, muito angustiada com a história do Felipinho, de seis anos. Durante várias tardes, debatemos maneiras de amenizar o sofrimento que ele estava apresentando. Diversas vezes o assistíamos reproduzindo uma mesma cena: colocava sua mochila nas costas e ia para perto do portão esperar a chegada de alguém, assim como fazia quando sua mãe dizia que viria buscá-lo no acolhimento e não aparecia. Em outras ocasiões, perguntava se a mãe viria ou se ele precisava se arrumar para esperar por ela.

Em meio a essa situação, realizamos uma supervisão e surgiu a ideia de contar a história do Felipe de maneira mais lúdica, pensando numa maneira de ajudá-lo a elaborar suas vivências e as ausências de sua mãe. Na hora fiquei pensando como faria isso... Como contar de maneira acessível para uma criança pequena uma história tão triste? Seria possível?

Pensei um pouco e então resolvi encarar a árdua e importante tarefa. Primeiro, coloquei outro nome no personagem e fui escrevendo todos os fatos mais importantes de sua vida, de maneira simples e com uma linguagem fácil, para que fosse compreensível para ele. Depois, pesquisei imagens que tivessem semelhança com Felipinho, um garoto com mochila nas costas. Montei tudo numa simples apresentação de PowerPoint.

A primeira vez que lhe contei a história estávamos só nós dois. Logo em seguida, ele pediu que eu a repetisse e, já na segunda vez, Felipe começou

a fazer comparações entre ele e o personagem: “Tia... Ele tem mochila, e eu também tenho!”. Fiquei muito feliz com a identificação quase que imediata que ele teve.

Depois, demonstrando muita alegria e empolgação, Felipe quis ler a história para outras crianças e educadores que estavam na casa. Ao término, pediu para guardar com ele a sua historinha, que também foi colada em seu álbum¹², de forma que ele pudesse ter acesso a ela sempre que quisesse. Os sintomas do garoto foram diminuindo e foi possível começar a falar de sua própria história, ajudando-o a compreender melhor o que estava acontecendo em sua vida.

Após essa experiência, surgiram novas situações na casa, que foram contadas dessa maneira. Com essa ferramenta, os colaboradores voluntários e educadores passaram a ter mais facilidade para falar sobre coisas difíceis com crianças tão pequenas. Cheguei à conclusão que não existe maneira fácil de falar sobre coisas difíceis, mas existem formas possíveis de conversar sobre o que é importante.”

Michele Pinho Generoso, psicóloga de um serviço de acolhimento

¹² Este álbum faz parte da metodologia de trabalho usada por programas do Instituto Fazendo História. Falaremos sobre ele a seguir.

O álbum de história: um presente para o bebê

O álbum de história é uma ferramenta valiosa de trabalho com os bebês, crianças e adolescentes que estão em serviços de acolhimento. Ele tem por objetivo registrar informações importantes sobre o bebê: sua história de vida anterior ao acolhimento, sua história durante a permanência na casa, suas conquistas (sentar, andar, primeiro dentinho, etc.), personalidade, gostos, preferências, a maneira como interage com o mundo ao seu redor, a relação com os adultos cuidadores, entre outras.

Como não guardamos em nossa memória consciente aquilo que vivemos nos primeiros anos de vida, o que sabemos sobre este período geralmente foi relatado por alguém próximo a nós. Pais, tios, vizinhos, irmãos mais velhos são aqueles que geralmente nos contam as passagens de nossa infância, com fatos curiosos e engraçados sobre como éramos quando bebês, o que fazíamos, do que gostávamos.

No caso das crianças em situação de acolhimento, os adultos que cuidam delas são quem têm melhores condições de contar essas histórias. No entanto, como o acolhimento é uma medida de caráter provisório, se não há um registro dos fatos vividos antes e durante esse período, partes da história de vida do bebê acabarão se perdendo.

Por mais delicado que seja o tempo de acolhimento e o período que o antecedeu, eles são parte importante da história do bebê, não podendo ser apagados de sua vida. O álbum, enquanto testemunho da história pessoal, é um presente para o bebê, que poderá ter acesso a ele sempre que quiser saber mais sobre sua infância.

Embora tenhamos a tendência de querer registrar apenas as conquistas e os bons momentos, enfatizamos a importância de também registrar no álbum as histórias mais difíceis, já que são vivências que marcam os bebês e dizem de momentos delicados pelos quais passaram. No entanto, deve-se refletir antes de realizar tais registros, para que sejam feitos da melhor maneira possível. Muitas vezes, é interessante que algumas histórias sejam registradas e ao mesmo tempo fiquem preservadas – nesses casos, uma estratégia é registrar a história e deixá-la protegida dentro de um envelope colado dentro do álbum.

Os álbuns, construídos e mostrados aos bebês ao longo da permanência no serviço de acolhimento, são mais do que um simples relato de fatos. Sua construção representa um momento precioso de contato do bebê com os adultos responsáveis e favorece a valori-

Para pensar

Já que o bebê não tem memória consciente dos primeiros anos de vida, se ele for adotado, não é melhor “começar do zero”, esquecendo as histórias tristes que ele viveu?

Podemos ficar tentados a “fazer de conta” que a história do bebê começa a partir do momento em que ele é adotado. No entanto, por mais difícil que tenha sido o passado do bebê, sua história não se apaga. Não conversar sobre ela e preferir “esquecê-la”, tem consequências para seu desenvolvimento. Tudo o que um bebê vive está registrado, ainda que de maneira inconsciente, em sua memória. Portanto, por mais curto que o período de acolhimento tenha sido, esse tempo não é indiferente para ele: parte de sua história e de sua identidade se construirá ali, testemunhada pelos educadores e técnicos do serviço. Fingir que nada aconteceu e querer esquecer o período do acolhimento cria um buraco em sua história. A adoção representa uma transformação na vida do bebê, mas não precisa se constituir como mais uma ruptura.

zação dos importantes vínculos construídos neste período. Nos serviços de acolhimento, fazer o álbum da história do bebê é um recurso de trabalho que favorece o olhar singular no ambiente coletivo, aproximando bebê e educador, como relata o psicólogo Milton Fiks:

“(...) a construção do álbum era a oportunidade de aprendermos a registrar a história dos bebês de uma forma diferente. Geralmente fazemos os registros dos fatos da vida dos bebês de forma burocrática, através de relatórios que, embora sejam informativos, possuem uma linguagem dura e seca. A linguagem da lei e não a linguagem do afeto. Quando fazemos um registro de algo com intencionalidade, nossa pergunta básica deve ser: quem é o leitor? Para quem estamos escrevendo? Para que serve este documento? Que mensagens ele deve conter? (...). O álbum serve para que no futuro os bebês possam ter referências. Serve para, no caso de serem adotados, que seus futuros pais saibam um pouco sobre a vida pregressa das crianças, seus gostos, seu desenvolvimento, sua história. Para mães e familiares, quando privados da convivência, resgatarem uma parte da sua história. Fazer um álbum, quando não responde apenas a necessidades narcísicas de quem o faz, é um gesto de amor para com o outro. É um investimento de carinho e afeto.”

O que registrar

Não há um roteiro fixo a ser seguido na elaboração do álbum; cada educador vai encontrar sua maneira de registrar a história de cada bebê. No entanto, é importante que ele tenha a “cara” do bebê e seja feito a partir dos vínculos que estabeleceu durante sua passagem pelo serviço de acolhimento. A seguir, você encontra sugestões de informações para compor o álbum.

- **Dados sobre o bebê** – nome completo; data de nascimento; nome dos pais; local de nascimento; informações sobre o parto; altura e peso ao nascer.
- **Gestação** – durante as visitas familiares, é sempre interessante convidar os familiares a fazer uma página do álbum junto com o bebê e o educador – quando a mãe descobriu que estava grávida; como foram os primeiros meses de gravidez; quais eram as expectativas; reação ao saber o sexo do bebê; como foi a escolha do nome; como foi o parto.
- **Acontecimentos importantes** – no caso dos bebês maiores, nem sempre temos informações sobre acontecimentos anteriores ao acolhimento; sendo assim, registramos apenas o que temos conhecimento – primeiro banho (ou como foi o primeiro banho na casa), quem deu este banho, como o bebê reagiu; pequenos acontecimentos (aceitou a chupeta, riu pela primeira vez, levantou a cabeça quando de bruços, virou a cabeça quando falaram com ele, bateu palmas, se machucou, dançou, estranhou alguém, reconheceu os adultos que cuidam dele); grandes acontecimentos (comeu a primeira fruta, virou-se sozinho na cama, comeu a primeira papinha, arrastou-se pelo chão, sentou-se sozinho, engatinhou, brincou com um brinquedo, observou-se no espelho, demonstrou interesse por outra criança, segurou a mamadeira, ficou de pé segurando em algo, desfraldou, trocou a mamadeira pelo copinho); primeiros passos (quem viu, as reações do bebê); o nascimento do primeiro dentinho; o primeiro corte de cabelo (se for possível, guardar uma pequena mecha do cabelo deste primeiro corte); primeiras palavras (primeiros sons, primeiras palavras e primeiras frases), o que gosta de repetir, situações engraçadas; o primeiro Natal (como foi, quem estava junto, se gostou ou não); seus aniversários (com quem comemorou, como foi a comemoração, presentes que ganhou); passeios (para onde foi, com quem foi, o que mais gostou); as primeiras travessuras; o crescimento do bebê (medidas e fotos).

- **Rotina** – o que ele faz durante a manhã, tarde e noite; como e com quem costuma brincar; ritmo das refeições ou mamadeiras; como é o momento do banho; quais são os horários de sono, os rituais para dormir (usa chupeta, fralda, tem um paninho ou bichinho, dorme embalado no colo, com canção de ninar ou histórias) e como se comporta na hora de dormir e acordar; frequenta creche (horário, como se relaciona com os colegas e, se possível, um depoimento da professora e fotos).
- **Seu cantinho** – como é seu berço, os brinquedos que estão dentro dele, quem dorme no mesmo quarto; lugar onde seus pertences são guardados; o local que mais gosta de estar na casa.
- **Família e construção da árvore genealógica** – nomes e informações sobre parentes próximos e distantes, como pais, irmãos, avós, tios e primos; características das pessoas que fazem ou fizeram parte da vida do bebê (vale mencionar outras pessoas significativas na vida da criança, como amigos da família ou vizinhos) – fazer uma árvore genealógica pode ser bem interessante, pois é um recurso gráfico bonito e de fácil compreensão para as crianças menores.
- **Sentimentos** – os bebês, ainda que não se comuniquem verbalmente, são capazes de demonstrar como se sentem. Cabe ao adulto, atento e sensível, perceber o que ele está demonstrando. É importante também perceber que isto pode mudar ao longo do tempo e registrar estas mudanças. Algumas dicas: como as pessoas gostam de chamar a criança; como os adultos brincam com ela; suas brincadeiras, brinquedos, livros ou músicas favoritos; situações em que fica alegre, triste, bravo, irritado, chorando; situações em que parece sentir medo; o que parece gostar ou não gostar (comidas, pessoas, momentos do cotidiano, atividades, posições, etc.).
- **Acolhimento** – é um tema importante e delicado, que faz parte da vida e história do bebê e deve ser abordado. Algumas informações que se pode registrar são: data e motivo do acolhimento, de forma cuidadosa e refletida em equipe; como foi a chegada a casa, quem o recebeu, como foram os primeiros dias e a adaptação, quais foram as reações do bebê; o que ele pareceu gostar mais; o que ele estranhou; quem foram as pessoas a quem o bebê mais se afeiçãoou; quem são as crianças e adolescentes da casa e como elas reagiram à sua chegada; endereço do serviço de acolhimento.

- **Relacionamento** – como é a relação do bebê com as outras crianças e com os adultos. Um jeito interessante de contar sobre o relacionamento do bebê com as outras pessoas é convidar os adultos da casa para escrever alguma impressão, algo que marque sua relação com esta criança (pode ser um detalhe, uma frase, uma palavra – o interessante é implicar a todos nessa construção).

Uma boa ideia

Uma estratégia que funcionou em um serviço de acolhimento foi deixar disponível uma caixinha com papéis e caneta. Todos os funcionários da casa, quando percebiam algo de interessante sobre um bebê, registravam e colocavam dentro da caixinha. Então, quando o educador de referência ia fazer algum registro no álbum, ele verificava se havia algum papel, dentro da caixa, falando sobre o bebê. Desta maneira, quase nenhuma história se perdia.

Dicas para o registro

- **Escrever em terceira pessoa** – É importante que o álbum seja escrito em terceira pessoa e não em primeira pessoa, como se fosse o bebê fazendo o relato. Como o educador é aquele que testemunha e narra a história ao bebê, é ele quem a descreve. Desta forma, o bebê não fica numa posição passiva em relação a sua própria história, mas sim é tomado como sujeito, considerado e respeitado pelo educador, que procurará atribuir sentidos às suas manifestações.
- **Colocar título, data e legenda nas fotos** – Devemos lembrar que os primeiros anos de vida dificilmente ficam registrados em nossa memória, então é necessário contextualizar tudo o que é colocado no álbum.
- **Escrever de forma legível** – Para que se possa entender o que está escrito no álbum, é fundamental que o conteúdo seja legível. Uma boa estratégia é escrever em uma folha avulsa e depois colá-la no álbum.
- **Trata-se de um álbum de história e não apenas de fotos!**

O Anjo!

“Tínhamos sempre nossa reunião de capacitação mensal com a presença de quase todos os educadores. Em algum momento, as ausências nesses encontros começaram a chamar atenção e ficar mais frequentes; então, comecei a pensar formas de motivar os profissionais. Na reunião seguinte, fiz um sorteio pedindo que cada funcionário tirasse um papel de dentro de um saquinho onde tinha colocado o nome de cada criança ou adolescente da casa. Depois, em uma conversa individual com cada educador perguntei: “Quem você tirou?”. Eles diziam o nome e eu questionava: quem é essa criança, há quanto tempo está acolhida, o que ela mais gosta, o que não gosta. Para minha surpresa, alguns me olhavam e não sabiam o que responder; outros respondiam sem ter certeza, sabiam só algumas respostas. Dessa forma, pedi a cada um que durante um mês fosse uma espécie de “anjo” para aquela criança, aproximando-se e tentando conhecê-la o máximo possível. A experiência foi muito valiosa e trouxe ganhos na relação entre educadores e crianças, assim como no trabalho cotidiano do serviço. Tentei mostrar, com esse exemplo, como é importante ter um olhar singularizado para cada criança ou adolescente e como os encontros de formação e discussão de caso são necessários, pois é neles que trocamos informações sobre as crianças e adolescentes e descobrimos coisas que os outros educadores percebem ou vivenciam. Até para alguns educadores foi surpreendente não saber as respostas para perguntas aparentemente tão simples.”

O “Albão”

“A ideia do albão (álbum grandão com fotos e histórias do cotidiano da casa) surgiu quando comecei a trabalhar na casa e acompanhei o primeiro adolescente prestes a fazer 18 anos. Observei que aquele jovem estava perdido após ficar dez anos acolhido. Pensando em como ajudá-lo, pedi para a responsável pela casa fotos do adolescente durante esse tempo. Ela respondeu que deveria ter algumas, mas não sabia onde estavam. Pedi para outro profissional, que respondeu a mesma coisa. No final, o adolescente saiu sem nenhum registro de seus últimos dez anos.

Após essa experiência, pensei o quanto, além da história das crianças e adolescentes, a história do serviço também merecia ser registrada. Começamos, então, a confeccionar um grande álbum com fotos e relatos sobre a casa – um registro da casa e não de cada criança. A capa do albão foi feita pelas crianças e funcionários. Cada pessoa escolheu um pedacinho do tecido, cor ou desenho que compôs a capa. No albão, estão fotos de cada mês, registro de vários momentos especiais do serviço, de seus moradores e profissionais, cada evento ou passeio realizado. Esse álbum pertence à instituição e nele constam fotos de crianças e educadores que já se foram ou ainda estão aqui; é um pedacinho da história dessa casa. Um dia, em qualquer época, quem sabe alguém retorne para uma visita, possa ver esses registros e lembrar-se dessas pessoas e momentos que fizeram parte de sua história?”

Miriam Vieira, Coordenadora de um SAICA

A importância do nome

Não escapamos aos nomes. Damos nomes às coisas, aos lugares, às pessoas. O nome distingue uma coisa da outra, um lugar do outro, uma pessoa da outra, tornando cada qual único. É ele que nos faz existir enquanto sujeitos e nos auxilia na construção de nossa identidade e na imagem que construímos de nós mesmos. A partir dele nos apresentamos ao mundo – “Olá, eu sou a Ana!” – e somos por ele reconhecidos – “Ana, como vai?”.

Um nome poderia ser só um nome, uma palavra, se não fosse o sentido que ele tem para cada um. “Casa”, por exemplo, tem um significado que vai além das definições escritas nos dicionários. Ao ler, ouvir ou pensar nesta palavra, cada um de nós a define de acordo com nossas impressões e experiências em relação a ela. Alguns a associam à construção de tijolos, ao porto seguro; outros, ao lugar onde mora, às lembranças de uma época, e assim por diante.

Com o nome das pessoas não é diferente. “Ana”, por exemplo, significa graciosa, cheia de graça. Mas para cada pessoa, este nome está associado a ideias, percepções, vivências e referências que se tem para com as “Anas” ou uma “Ana” em especial. Por isso, mais do

¹³ Prenome é o primeiro nome e sobrenome é o nome de família.

que uma simples denominação, o nome (prenome + sobrenome)¹³ conta um pouco da história de cada um, passada e futura. Diz da origem, do grupo a que pertence, das diferenças e do que lhe é próprio. Diz também sobre as

expectativas e desejos carregados naquela pessoa.

Na realidade dos serviços de acolhimento, a reflexão sobre os nomes é bastante importante, especialmente porque alguns bebês são acolhidos ainda sem nome. Mas também porque nem sempre suas histórias são conhecidas e, ainda, por poder acontecer de cada membro da equipe identificar-se e se relacionar de maneira diferente com um mesmo bebê, chamando-o de modos distintos. Pensar o que isso significa na formação da identidade de cada bebê é um desafio nestas instituições.

O serviço de acolhimento e o nome dos bebês

Quase todos nós já vivenciamos, em algum momento, a situação de andar pela rua e alguém dizer “Moça(o)!”, tentando nos comunicar algo. Certamente a dúvida existiu: “Será

que estão falando comigo?”. Sem ouvir nosso nome é como se não estivessem falando conosco; é como se, mesmo sendo a(o) moça(o), aquela denominação não nos pertencesse, não nos identificasse. Moço(a) é algo muito genérico, pode ser qualquer um(a).

Imaginemos agora um bebê que sempre foi chamado por um nome e, por qualquer razão, passa a ser chamado por um novo apelido, tem seu nome trocado (intencionalmente ou não), ou, no caso dos nomes compostos, começa a ser chamado pelo nome antes raramente referido. Como nós, a princípio, o bebê não se reconhece¹⁴:

Isabela, de apenas dois anos, já mudou de nome algumas vezes. Quando chegou ao serviço de acolhimento da maternidade, veio sem nome. Logo os educadores começaram a chamá-la de Clara, pois tinha a pele bem branquinha. Depois de alguns meses, o Juiz da Vara lhe atribuiu o nome de Maria, de maneira totalmente arbitrária, sem considerar o nome que a equipe do serviço havia lhe dado. A equipe teve que se adaptar a esse novo nome, assim como a bebê, que inicialmente não se reconhecia. Sua mãe começou a visitá-la após vários meses, e insistiu que o nome de sua filha fosse Isabela, nome de sua avó. A equipe, então, apoiou o desejo dessa mãe e o nome da bebê foi mudado para Isabela Maria.

¹⁴ É bastante comum crianças pequenas que têm apelido, ao serem chamadas por seu prenome, dizerem que seu nome não é aquele, informando seu nome-apelido. Através do modo como é nomeada – ou se nomeia – a criança se reconhece; prova disso é que, desde bebês, respondem quando são chamados, com o olhar, um sorriso, um gesto, muito antes de falarem.

Quantas mudanças em tão pouco tempo de vida! Como vemos nesse caso, a questão da escolha do nome em um serviço de acolhimento pode ser complexa. Por um lado temos o nome atribuído pela equipe da casa a partir da convivência com a criança, um nome permeado de afeto e cuidado. Por outro, uma mudança de nome sem sentido, feita de modo impositivo pelo Juiz, que não levou em consideração a opinião dos profissionais do serviço. Já a mudança em decorrência do desejo da mãe, indica um respeito à história dessa família e a essa mulher. Todas essas mudanças devem ser sempre bem trabalhadas, tanto com a equipe como com o bebê. É preciso que alguém lhe conte sobre essas mudanças e lhe explique seus motivos.

Do mesmo modo, quando um bebê é chamado de bebê/nenê ou quando seu nome é confundido/trocado ele perde uma referência importante de si mesmo. Chamar um bebê pelo seu nome é dar-lhe um lugar diferenciado e singular. É ensinar-lhe que ele é diferente dos outros e os outros são diferentes dele. Por isso, quando possível, devemos continuar chamando-o da mesma maneira como ele era chamado antes do acolhimento, para que possa carregar consigo seu senso de existência. Se esta parte de sua história é desconhecida, é importante haver consenso entre a equipe que o acompanha para que todos possam chamá-lo por um mesmo nome, especialmente quando o bebê tem nome composto.

¹⁵ Vale lembrar que os apelidos são criados a partir da relação entre as pessoas e da história de cada um, não sendo necessariamente algo negativo.

Nos serviços de acolhimento em que há crianças com mesmo prenome, precisamos estar atentos para que a diferenciação não se dê por um apelido¹⁵ pejorativo e estigmatizante, que imprima marcas difíceis de serem retiradas posteriormente. Todo cuidado é necessário, uma vez que nosso nome é como uma pele inseparável de nós. Quando alguém mexe com ele, é como se mexesse nessa pele, para um “carinho” que afaga ou um “arranhão” que machuca.

Quando um bebê ainda não tem nome é como se ele não fosse ninguém. Por isso, para que possa existir e relacionar-se, os serviços de acolhimento acabam, sabiamente, escolhendo-lhe um nome. Ao escolher um nome para o bebê é importante contar-lhe que nome é este, quem o escolheu e por que – o nome é um capítulo importante de sua história. Da mesma forma, quando seu nome não é mantido, é necessário explicar-lhe o motivo da mudança para que ele possa entender o que está acontecendo com ele e conhecer sua história. A marca da diferenciação e individualidade começa pelo nome!

A família que tem lugar: entre a família real e a ideal

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a família, seja qual for sua configuração, tem deveres e responsabilidades com suas crianças e adolescentes e é vista como lugar privilegiado para a garantia de seus direitos. O ECA também preconiza que é dever do poder público amparar a família para que ela possa cuidar de seus filhos, garantindo ações e serviços voltados para prevenção, atenção e inclusão social. Nesse sentido,

a retirada da criança e do adolescente do convívio familiar deve ser a última alternativa, quando todos os recursos forem esgotados, pois é junto à família que uma criança encontra desde cedo suas referências e as bases de sua identidade. É no ambiente familiar, ainda, que a criança encontra as bases para se desenvolver e se relacionar, pois nele experimenta suas primeiras relações sociais e aprende os valores daquele grupo e da sociedade.

Assim sendo, o trabalho com famílias nos serviços de acolhimento se configura como um grande desafio: estar disponível para escutar suas dificuldades quanto à dinâmica que levou ao acolhimento; diagnosticar as demandas dessa família para encontrar alternativas de suporte para as suas necessidades; tentar encontrar as possibilidades para o retorno ao convívio familiar; etc.

Quase sempre permeadas de desafios, violências, sofrimento e fragilidades no laço familiar, as histórias destes bebês acabam tocando a todos que o acompanham, podendo, inclusive, refletir no desenrolar de seus processos. Com o intuito de proteger o bebê, não é incomum que a família, que também precisa de cuidados, seja posta de escanteio, muitas vezes como a vilã da história. Não podemos negar que há muitas dificuldades nesse trabalho, especialmente se levarmos em consideração o tempo que os adultos podem levar para conseguir se reorganizar e o tempo que o bebê permanecerá acolhido. Além disso, em alguns casos, pode não haver interesse dos familiares em ficar com a criança, o que também deve ser escutado, mas é preciso cuidado para não entendermos precocemente as dificuldades como desinteresse.

A mãe de Maicon, um bebê de aproximadamente um ano, vai para a visita acompanhada de outros dois filhos, um adolescente e um bebezinho. A equipe do serviço de acolhimento não compreende como Fernanda, que tem um de seus filhos acolhidos, pôde ter tido mais um bebê! E ainda por cima, as educadoras percebem que Maicon fica incomodado ao ver que seus irmãos estão com a mãe e ele não. A equipe suspeita que essa mãe busca ter benefícios financeiros com os filhos a partir de programas de repasse de renda. Preocupada com o fato dela ter tido mais um filho e um possível descaso em relação a Maicon, pois Fernanda quase não interage com ele durante as visitas, a assistente social do serviço lhe perguntou por que ela teve outro filho. Então, Fernanda respondeu: “Quem sabe, se eu provar para o juiz que eu posso cuidar direito dele (do bebê menor), não posso ter Maicon de volta?”.

Essa situação nos faz pensar que os motivos que levam uma mãe a ter outros filhos podem ser diversos e que é necessário ouvi-la, inclusive para que a situação não se repita com as outras crianças.

Que chances damos a uma família para se reestruturar se só conseguimos enxergá-la como incapaz? É preciso ir além do que se imagina e conhecer de fato a realidade familiar. A situação extrema de ter um ou mais filhos afastados do convívio familiar, na grande maioria dos casos, está relacionada com dificuldades em diversos âmbitos da vida, que refletem na estrutura familiar. Situações de muita vulnerabilidade, falta de recursos materiais, culturais e a exclusão social podem criar uma condição tão precária material e afetivamente que contribui para a desestruturação familiar. Muitas vezes, nos deparamos com mulheres que romperam seus laços sociais e familiares, de forma que não podem contar com a ajuda de outros parentes. Muitas delas também sofreram algum tipo de abandono em sua trajetória e não dispõem de recursos e referências para oferecerem cuidados aos seus filhos. São histórias que se repetem, gerando um ciclo de exclusão social, desamparo, violência e abandono.

Nesse cenário tão desafiador, o serviço de acolhimento deve ser um lugar de referência para as famílias, no sentido de que ali encontrem pessoas com quem possam dividir suas angústias e dificuldades e também encontrar uma maneira de cuidar de seus filhos ou de abrir mão desse cuidado. É importante ter espaço para que o desejo de não cuidar dos filhos possa ser dito, sendo essa uma escolha possível, não se configurando, necessariamente, como um ato de crueldade ou desamor.

É função dos profissionais de um serviço de acolhimento – e um grande desafio – escutar as famílias em suas dificuldades e construir junto a elas caminhos possíveis. É verdade que esse não é um trabalho apenas para o serviço de acolhimento, mas de uma rede de serviços na saúde e assistência social, que possam juntos oferecer cuidados e auxílio para as famílias.

Visitas familiares

As visitas familiares são uma forma de manter ou favorecer o vínculo entre um bebê e sua família de origem quando separados por medida protetiva de acolhimento institu-

cional¹⁶. Elas acontecem através da ida dos familiares ao serviço de acolhimento e, em alguns casos, dos bebês aos lares de suas famílias. Há situações, contudo, em que as visitas familiares não acontecem – por impedimento legal (interdição judicial ou destituição do poder familiar) ou pelas dificuldades inerentes ao contexto familiar (em geral, as mesmas que levaram ao afastamento do bebê de sua família). Nos casos dos bebês que foram separados de suas mães na maternidade, oferecer esse espaço de convivência, quando possível, é ainda mais importante para que o vínculo não se rompa de forma definitiva:

¹⁶ A preservação dos vínculos familiares e a promoção da reintegração familiar são direitos assegurados pelo ECA em seu artigo 92.

“Todos os esforços devem ser empreendidos para preservar e fortalecer vínculos familiares e comunitários das crianças e dos adolescentes atendidos em serviços de acolhimento. Esses vínculos são fundamentais, nessa etapa do desenvolvimento humano, para oferecer-lhes condições para um desenvolvimento saudável, que favoreça a formação de sua identidade e sua constituição como sujeito e cidadão. Nesse sentido, é importante que esse fortalecimento ocorra nas ações cotidianas dos serviços de acolhimento – visitas e encontros com as famílias e com as pessoas de referências da comunidade da criança e do adolescente, por exemplo.”¹⁷

¹⁷ Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes, p. 20 – http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/conanda_acolhimento.pdf.

O contato com a mãe, o pai, uma avó ou uma tia são momentos privilegiados de troca de informações, nos quais os educadores podem reunir dados valiosos sobre a gravidez, o parto, a escolha do nome, quem são os familiares do bebê, qual a história de sua família, saber do desejo de uma mãe e/ou pai sobre aquela criança, etc. Dessa forma, os educadores e equipe podem saber mais acerca daquele bebê, qual a sua origem e sua história, o que certamente facilitará o trabalho com ele, na medida em que passarão a conhecê-lo melhor.

Incluir os familiares em determinados momentos da rotina da casa pode ser uma boa alternativa para oferecer espaços de convivência familiar, como convidar para o café da tarde e, se a família tiver condições, pedir que ela prepare ou traga algo que a criança goste de comer; convidar para as festas e datas comemorativas; deixar que a mãe dê banho em seu bebê e lhe dê mamadeira; acompanhe em passeios ou consultas; possa saber sobre

seu cotidiano na casa. Quando possível, pode-se pensar em idas da criança para a casa da família, onde passem um final de semana ou feriado juntos. Dessa forma, além de propiciar a convivência entre os membros da família, possibilitamos que a mãe, ou quem quer que faça as visitas, participe da vida da criança e se ocupe de seus cuidados, favorecendo o fortalecimento do vínculo e preparando para a reintegração familiar.

Uma boa ideia

Gustavo, de três anos, acolhido há dois, após ser transferido de instituição, se recusa a comer e pede incessantemente por sua mãe, que o visita aos finais de semana. A coordenadora da casa tem então uma ótima ideia. Decide convidar a mãe de Gustavo para cozinhar e fazer o almoço para ele e para todos da casa em um dia de visita. A sensibilidade dessa coordenadora não só possibilitou que ele voltasse a comer, como aproximou sua mãe do serviço. Uma boa estratégia para estreitar os laços entre os profissionais, crianças e familiares e trazer a família para perto da rotina da casa e de seu filho.

Mariana tem três filhas acolhidas recentemente – uma de sete anos, outra de cinco e a caçula Carolina que veio direto da maternidade. As meninas mais velhas sempre moraram com a mãe até serem acolhidas. Nas visitas semanais, Mariana se mostra distante de Carolina, só quer ficar com as filhas mais velhas. Ao ser questionada sobre esse distanciamento, a mãe diz não conhecer Carolina e não sentir que ela seja sua filha. Uma educadora da casa, muito delicadamente, começa a convidar Mariana para participar dos cuidados diários com sua caçulinha; juntas dão banho, comida e levam Carolina para as consultas médicas. Uma intervenção simples e extremamente sensível, que ajudou Mariana a se tornar mãe de sua filha, propiciando a construção e o fortalecimento do vínculo entre as duas.

Sabemos que uma mulher não vira mãe de seu bebê de um dia para o outro; é preciso tempo e convivência para que possa ocupar o lugar de mãe. Nos casos em que a mulher se encontra separada de seu bebê, a construção da maternidade é ainda mais delicada, e uma intervenção sensível dos profissionais do serviço se torna essencial.

Por outro lado, sabemos que nem sempre uma mãe ou uma família consegue manter os combinados e a frequência das visitas. Nos casos de usuárias de álcool e drogas, as recaídas são uma dificuldade a mais que se apresenta ao trabalho de reintegração familiar. Quando a mãe é moradora de rua, a equipe do serviço pode ficar insegura em investir no vínculo entre mãe e bebê, sem saber se ela conseguirá se organizar para ficar com o filho. Ainda assim, nesses e noutros casos, é preciso que o serviço possa fazer uma aposta, mesmo sem ter a certeza de seu resultado. O encaminhamento para projetos que acolhem e oferecem tratamento e projetos de inclusão para usuárias de droga ou em situação de rua com seus filhos pode ser uma alternativa para que possam estar junto deles, enquanto recebem auxílio.

Janaína, mãe de Vitória, é moradora de rua e por isso a criança foi acolhida logo após seu nascimento. Ainda que vivesse em uma situação precária, ela não deixou de visitar a filha, com quem mantinha um vínculo bastante forte. Questionava, inclusive, sobre o porquê de não poder ficar com a menina, já que muitas mulheres de rua ficam com seus filhos. Mostrando sempre grande interesse em ficar com Vitória, Janaína visitou-a cotidianamente até ser hospitalizada por conta de uma pneumonia. Durante a internação de Janaína, uma audiência para avaliar o processo foi marcada e a assistente social do serviço entrou em contato com a equipe do hospital para que avisassem Janaína e lhe garantissem que iriam defender seu interesse em ficar com a filha e explicar os motivos de sua ausência. No mesmo dia, Janaína fugiu do hospital e apareceu no portão da casa onde Vitória estava acolhida, muito aflita e com medo de perder a guarda da filha. O desespero de Janaína frente à fantasia de que não poderia mais ver a filha sensibilizou a todos na casa, que sempre torceram para que ela se organizasse para ficar com Vitória. Infelizmente, Janaína parou de fazer as visitas e a menina foi adotada quando tinha pouco mais de um ano.

Esse é um caso interessante para pensarmos sobre a importância da manutenção dos vínculos entre mãe e bebê, mesmo dentro de situações adversas. As visitas regulares de Janaína para Vitória foram importantes. A menina terá para sempre o registro de uma mãe que se esforçou para ficar com ela. Não sabemos os motivos pelos quais a mãe parou de re-

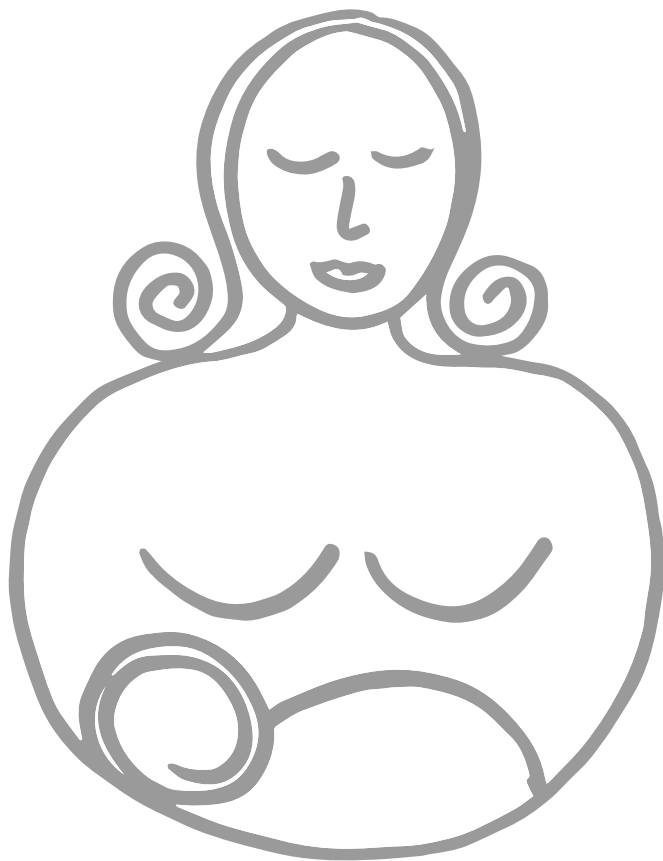
alizer as visitas, mas podemos imaginar quão importante será para Vitória saber do amor e desejo de sua mãe e de suas tentativas de ficar com sua guarda. Deve-se enfatizar também o trabalho realizado pela equipe da casa, que apostou nessa mãe. Embora possa ser frustrante o desfecho em que a mãe para de visitar a filha, essa equipe não se eximiu de fazer seu trabalho e isso certamente fez diferença para Vitória, que teve o olhar e a atenção cuidadosa para si e para sua família, por parte de seus adultos cuidadores, enquanto esteve acolhida.

Quando esgotadas todas as possibilidades de reintegração familiar e o bebê for encaminhado para adoção, o serviço de acolhimento deve promover a aproximação gradual entre a criança e a família substituta. Aqui também são importantes os momentos de visitas, durante os quais a criança e sua futura família poderão se conhecer e acostumar-se, gradativamente, uns com os outros, facilitando a formação dos vínculos e aumentando a chance de uma boa adaptação na nova casa.

O acolhimento da dupla mãe-bebê

Tão desafiador quanto acolher bebês separados de suas famílias é o acolhimento de uma adolescente e seu bebê! A adolescência já é em si um momento complexo; é a fase das transformações, experimentações, transgressões, conflitos e constituição da identidade. Nesse cenário, a gravidez na adolescência ocorre em um momento em que o amadurecimento e o enfrentamento para questões da vida estão ainda sendo construídos. Esta situação pode deixar a adolescente insegura em relação a sua identidade, dividida entre a maternidade e a vivência de sua adolescência. No contexto do acolhimento da dupla mãe-bebê, os profissionais do serviço têm uma dupla função: ao mesmo tempo acolher e cuidar dessa adolescente e ajudá-la na construção de seu papel como mãe, auxiliando-a e potencializando-a no cuidado com seu bebê. É fundamental dar apoio e segurança para a adolescente, tomando o cuidado para não substituí-la nos cuidados e na relação com seu filho.

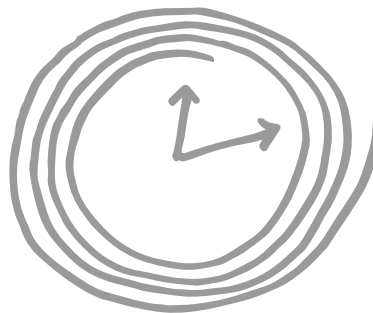
O serviço de acolhimento deve viabilizar condições que assegurem às adolescentes tanto o direito à maternidade como o direito à adolescência. Desse modo, deve favorecer o vínculo com o bebê e também propiciar a continuidade de seus estudos, inserção no mercado de trabalho, em atividades culturais e esportivas e orientar para o exercício de sua sexualidade. Ao cuidar da adolescente, assegurando seus direitos básicos e auxiliando-a na construção de um projeto de vida, estamos ao mesmo tempo cuidando de seu bebê.





Os cuidados
corporais e
a **rotina**
do bebê

*“Depois de acordar, mamar
Depois de mamar, sorrir
Depois de sorrir, cantar
Depois de cantar, comer
Depois de comer, brincar
Depois de brincar, pular
Depois de pular, cair
Depois de cair, chorar
Depois de chorar, falar
Depois de falar, correr
Depois de correr, parar
Depois de parar, ninar
Depois de ninar, dormir
Depois de dormir, sonhar.”*



Sandra Peres, Paulo Tatit e Edith Derdic

A constância da presença humana é fundamental para o desenvolvimento do bebê. É a partir de suas experiências de cuidado que ele constrói a noção de tempo e de previsibilidade. Tal noção lhe proporciona segurança interna e no mundo, tão importantes nessa fase da vida. A incerteza de não saber o que vai acontecer ou de não saber quem virá, pode ser muito angustiante para o bebê, que necessita de um mínimo de antecipação.

Nos serviços de acolhimento, como são muitos os adultos que se ocupam dos cuidados com o bebê, é essencial que haja constância e previsibilidade nesses momentos. Um bebê pode ser cuidado por muitos adultos e mesmo assim desenvolver confiança e segurança no mundo. Para tanto, a equipe de profissionais precisa estar alinhada em suas condutas e estabelecer um plano de trabalho para cada criança, que deve ser seguido por todos.

É claro que cada educador vai imprimir seu jeito pessoal nos cuidados que oferece, e isso é muito importante, pois a rotina não pode ser rígida e mecânica. O que devemos garantir é que os educadores estejam afinados nas intervenções que realizam. Algo que

não deve acontecer, por exemplo, é um plantão oferecer a chupeta na hora de dormir e o outro turno não. Nesse sentido, a comunicação entre plantões e as reuniões de equipe são fundamentais para a construção das intervenções com os bebês.

Os momentos de cuidados básicos como a hora do banho, troca e alimentação, muitas vezes subestimados pelos educadores, são momentos privilegiados de interação entre o bebê e o adulto cuidador. Eles proporcionam maior estreitamento do vínculo, já que são permeados pelo toque, pelo olhar, pela palavra e pelo afeto.

O banho, a troca e a hora da alimentação podem ser situações muito prazerosas, tanto para o bebê como para o educador, se forem vividas com calma e tranquilidade. Independente do tempo que se tem para cada atividade de cuidado, o importante é que seja um tempo de qualidade; isto é, que a experiência destes ricos momentos de interação e brincadeiras seja permeada de carinho e respeito ao bebê.

Pontos importantes no cuidado com bebês

- *Olhar nos seus olhos.*
- *Informar-lhe o que vai acontecer.*
- *Dar o tempo necessário para que ele aproveite a experiência, sem pressa ou afobação.*
- *Fazer gestos delicados e com dedicação.*
- *Falar com o bebê sobre o que está acontecendo.*
- *Nomear o que ele pode estar sentindo.*

Trocas

As trocas de fraldas e roupas garantem a higiene do bebê, além de serem momentos extremamente ricos na relação bebê-educador quando não se limitam apenas à função sanitária. Além de substituir (uma fralda por outra, uma roupa por outra), trocar significa dar e receber reciprocamente. Por isso, por menor que seja o tempo destinado às trocas, estes momentos devem ser aproveitados ao máximo.

Dizer para o bebê que ele será trocado porque fez cocô e/ou xixi, que sua roupa será tirada porque é hora do banho, que ele vai ganhar uma roupa limpinha para se sentir mais confortável, são formas de ensinar-lhe o que acontece com seu corpo e as respectivas ações sobre ele.

Conforme conversamos com o bebê e manipulamos seu corpo, ele responde com pequenos gestos de satisfação, incômodo e até mesmo colaboração. Ao percebermos que ele reage negativamente a um toque ou a uma forma de manipulação, podemos experimentar outra que lhe seja mais agradável. Nesta troca respeitosa entre o que fazemos com o corpo do bebê e suas respostas, conhecemos suas preferências e estreitamos nosso vínculo. Damos-lhes condições dele ser ele mesmo, um bebê singular e não apenas mais um bebê.

No trocador, brincadeiras são muito bem vindas. Se a troca precisa acontecer no meio de uma brincadeira, o bebê pode levar consigo o brinquedo com o qual estava brincando, a não ser que seja grande demais; neste caso, o brinquedo pode ser substituído em comum acordo.

Alguns educadores optam por ter sempre um brinquedinho no trocador para o bebê se distrair. No entanto, enfatizamos que a relação entre o bebê e o educador vale mais do que qualquer brinquedo. Brincar de “achar” o pé ou a mão do bebê ao vesti-lo, de esconder a barriguinha quando fecha os botões do macacão, ou de “Cadê? Achou!” com a roupinha que será colocada ou a toalha que o enxugou, são possibilidades de brincadeiras que fazem da troca um momento lúdico e prazeroso, privilegiando o brincar e não o brinquedo.

Quando é hora de retirar a fralda do bebê?

O controle dos esfíncteres – músculos responsáveis pela retenção e expulsão das fezes e urina – ocorre geralmente entre os 18 e 36 meses. A idade da criança e a presença de dias quentes não são pré-requisitos suficientes para definir o início do treino esfincteriano. Para que isso aconteça é preciso que o bebê sinalize algumas conquistas em seu desenvolvimento:

Conseguir ficar de cócoras, cruzar as pernas, subir e descer escada; sentar-se sozinho no penico/vaso sanitário com ou sem auxílio de um banquinho; tirar a própria roupa (considerando as roupas fáceis de serem tiradas, como as que têm elástico na cintura, sem zíper ou botões).

Sinalizar que ele fará ou está fazendo cocô: agachar-se, ir num cantinho reservado.

Expressar minimamente que fez ou quer fazer xixi e/ou cocô, mesmo que ele ainda não tenha muito claro a diferença entre ambos.

Entender ordens simples, como “vamos ao banheiro”, “vamos pegar o peniquinho”.

Demonstrar interesse pelo tema: querer usar cueca/calcinha, querer ver outras crianças usando o vaso sanitário ou penico, falar sobre xixi, cocô e pum, e investigar os próprios genitais.

Permanecer com fralda seca por mais de 1-2 horas.

Embora cada criança tenha um ritmo próprio de desenvolvimento e aprendizagem, pode ser conveniente para alguns serviços de acolhimento tentar adiantar a retirada da fralda a fim de promover a independência da criança. Porém, vale lembrar que quando a criança se sente cobrada para que o treino esfincteriano se dê rapidamente, ela pode vivenciar esse momento como uma tentativa externa de controle, podendo recusar o uso do vaso sanitário/penico ou mesmo reter as fezes e urina por tempo maior do que o esperado, resultando em prejuízos tanto em nível físico quanto psíquico. Por essa mesma razão, deve-se evitar que o processo de retirada das fraldas seja iniciado em momentos de mudanças, como entrada na creche, transferência institucional, férias do educador de referência, reintegração familiar ou adoção.

Como nos serviços de acolhimento as crianças são cuidadas por vários educadores, deve-se favorecer a comunicação na equipe para que todos possam decidir conjuntamente o momento e a forma como farão o treino de retirada das fraldas de cada criança. Caso a criança frequente a creche é fundamental estabelecer um trabalho em parceria com a instituição educacional.

Banho

A hora do banho se transforma num gostoso e relaxante momento do dia quando, além dos cuidados de higiene, é permitido ao bebê um pouco de diversão.

Quando os bebês já conseguem segurar um objeto, é interessante que eles tenham ao seu alcance um ou dois brinquedinhos macios, que possam ser levados à boca (os livrinhos de banho são uma boa opção). Para aqueles que já se sentam sem apoio, potinhos para encher de água e depois serem esvaziados incrementam a brincadeira, assim como algumas músicas temáticas que podem ser cantadas pelo educador, com ou sem a participação do bebê.

No banho, gestos suaves e delicados, com palavras que nomeiam as partes que estão sendo lavadas, ajudam o bebê a conhecer e, mais tarde, reconhecer as partes de seu corpo.

O contato com a água, assim como receber o toque no corpo costumam ser agradáveis para os bebês, mas pode ocorrer de alguns chorarem no início, durante ou ao término do banho. Nesses casos, é importante tentar observar a causa do seu incômodo, que pode estar relacionada com a pressa do adulto que lhe banha de forma automática, sem lhe dar tempo para brincar, conversar ou mesmo nomear o que está sendo feito com seu corpo. A solução não é dar um banho rápido, mas, ao contrário, oferecer mais tempo para que a criança possa aproveitar esse momento tão rico de troca e contato com o adulto, a água e o próprio corpo. Quando um incômodo é nomeado, ele pode ser eliminado porque ganha sentido e não porque é colocado um fim na ação.



Massagem em bebês

Quando o bebê nasce, ele vivencia seu corpo como se fosse fragmentado, em pedaços. Através da relação com o outro é que ele vai construindo a vivência de integração e os vínculos afetivos. Por isso os cuidados corporais são tão importantes.

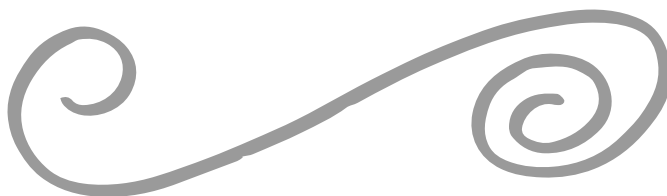
Através do toque delicado e respeitoso, o bebê tem a sensação de que está sendo acarinhado e acolhido. Ele percebe o contorno de seu corpo, relaxa e sente-se seguro, o que favorece um desenvolvimento com mais confiança e abertura para se relacionar com os outros ao longo da vida.

Embora o toque esteja presente em todas as relações de cuidados com o bebê, é interessante eger em sua rotina algum momento dedicado à massagem, como os momentos anterior ou posterior ao banho ou durante a troca de fraldas, os quais já pressupõem este contato físico. Outra ocasião interessante é fazer a massagem durante o banho de sol do bebê.

Na situação de acolhimento, que implica um cuidado múltiplo e compartilhado, a preservação destes momentos de intimidade torna-se essencial. O adulto deve “pedir permissão” para tocar o bebê e respeitar seu ritmo, estar atento às respostas corporais apresentadas por ele e estabelecer uma comunicação verbal e visual que permitam ao bebê sentir-se seguro e acolhido.

Para qualquer técnica de massagem utilizada, é fundamental que o bebê sinta-se bem enquanto é tocado. Como nem todos aceitam a massagem da mesma forma, e um mesmo bebê pode responder a ela de maneira diferente de acordo com seu estado de espírito ou pessoa que o toca, o mais importante é respeitar o que o corpo do bebê sinaliza quando iniciamos a massagem. Se ele não quiser ser massageado, não há motivo para seguir com a atividade. A massagem deve ser um momento de prazer e não uma obrigação.

Entre as massagens mais recomendadas aos bebês estão o Toque de Borboleta e a Shantala.



Sono

O bebê passa grande parte de seu dia dormindo. No primeiro mês de vida, ele dorme em média 17-18 horas por dia, 15 horas no terceiro mês, 14 horas entre o sexto e o décimo segundo, 13 horas entre 1-2 anos e 12 horas entre 2-3 anos. Mesmo que o tempo de sono varie de bebê para bebê, a quantidade e qualidade do sono são fundamentais para seu crescimento e desenvolvimento.

Embora dormir seja tão necessário, muitos bebês apresentam dificuldade na passagem do estado de vigília para o sono. Isto geralmente acontece porque, do ponto de vista psíquico, o bebê deixa de estar acompanhado para estar desacompanhado. Para alguns bebês, esta transição implica numa separação que é muito angustiante. Por isso ele chora, esperneia, pede colo, gruda na perna do adulto cuidador na tentativa de impedir a separação. Para esses bebês é importante dizer-lhes que eles irão dormir para descansar e informar-lhes onde você estará enquanto eles dormem.

Uma maneira de ajudar nessa transição é sinalizar quando a hora de dormir se aproxima, através de um banho, diminuindo a luz do ambiente, lendo um livro ou cantando uma música. Com estes rituais, antecipamos ao bebê o que está por vir, dando-lhe a chance dele se preparar para a separação. Um colinho ou cafuné, além de gostoso, ajuda a tranquilizar o bebê, especialmente quando acompanhados de palavras que nomeiam o que está acontecendo.

Quando um bebê se recusa ou tem dificuldade em adormecer ou permanecer dormindo sem a presença de um adulto ao seu lado, é importante que este não se sinta aflito com seu choro, com o incessante pedido de colo ou com outros comportamentos manifestos, pois o bebê percebe sua aflição e é afetado por ela, aumentando sua insegurança. Algumas vezes é necessário dar colo ao bebê. Outras vezes, basta ir até seu berço e, sem tirá-lo de lá, falar-lhe que ele não está sozinho e que pode dormir ou voltar a dormir porque você está lá com ele ou perto dele, em outro cômodo, por exemplo.

Um bebê que chega ao serviço de acolhimento pode requerer mais atenção durante a noite, já que passou por uma experiência de ruptura e encontra-se em um lugar novo, no qual não conhece as pessoas e, portanto, está mais inseguro. Independente de sua idade, é essencial que um educador possa estar por perto e acolhê-lo, caso apresente dificuldade para adormecer ou desperte chorando.

Vale dizer que um bebê desenvolve a capacidade de estar só apenas se tiver alguém que responda adequadamente às suas necessidades e dentro de um tempo em que ele seja capaz de suportar a espera. É por isso que, em geral, há sempre um adulto devotado aos cuidados do recém-nascido, tentando traduzir o que ele sente através de cuidados – troca, colo, alimentação, etc. Se este cuidado não vai de encontro ao que o bebê precisa, dentro do tempo que ele aguenta esperar, seu desenvolvimento fica prejudicado. Como resultado, o bebê, muitas vezes, acaba precisando do corpo do adulto cuidador (colo, mão dada) para sentir-se seguro. A segurança é construída gradualmente na relação do bebê com o adulto cuidador, através da constância das ações de cuidados. Por isso a previsibilidade do que vai acontecer e a resposta às demandas do bebê são tão importantes para que ele se sinta seguro e se constitua enquanto sujeito.

¹⁸ Ver mais informações sobre objetos pessoais no capítulo 7 – Rituais com bebês.

Para não ficar colado no corpo do adulto cuidador, além de ir dando sentido para as demandas do bebê através de palavras e ações, podemos oferecer-lhe algo que substitua a presença física do adulto. Um bichinho de pelúcia ou um paninho¹⁸ podem ser oferecidos nos momentos de transição entre a presença-ausência do adulto cuidador. No entanto, eles só terão validade enquanto substituto se, na presença do educador, ele encontrar segurança.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar que o berço pode ser um bom lugar para o bebê brincar quando acorda. No entanto, quando acordado, é importante que ele possa estar em outros ambientes da casa.

zzZZzz

Alimentação

A alimentação é mais um momento de interação do bebê com seu cuidador e o mundo. Através dela, ele aguça seu paladar e olfato, pode explorar o que lhe é oferecido e tem mais uma oportunidade para estreitar as relações de afeto e cultivar vínculos sociais.

A maneira como o bebê recebe o alimento e participa das refeições terá influência em seu prazer na alimentação e na relação que estabelece com o alimento. Logo, precisamos cuidar para que este momento possa ser vivido de forma prazerosa e tranquila.

As refeições devem ocorrer sempre no mesmo horário e lugar, preferencialmente no refeitório, copa ou cozinha, sem a presença de estímulos que tirem o foco da alimentação – por exemplo, TV ligada ou interrupções desnecessárias.

Os bebês estão sendo apresentados aos alimentos, o que faz esse momento ser tão privilegiado e mágico. Pratos coloridos, saborosos, variados e atrativos facilitam a alimentação e reforçam a importância deste momento.

Comida tem cheiro, cor, textura, sabor e, às vezes, forma definida, o que a torna um prato cheio para as experimentações. Por isso, deixe o bebê manipular e cheirar a comida. As crianças adoram fazer essas experimentações, que são importantes tanto no que se refere às descobertas sobre o mundo quanto ao prazer pelas refeições. Sugerimos que a rotina seja pensada de forma que o banho não seja imediatamente antes das refeições, para que as crianças possam fazer suas experimentações e brincadeiras. Sujar-se faz parte de todo aprendizado e crescimento!

Observe a quantidade de comida que é colocada em cada colherada e dê tempo para que a criança saboreie o alimento antes da próxima colherada. Respeite o ritmo de cada uma, assim como a quantidade que comem nas refeições. Quando ela não quiser mais comer, não insista. A alimentação deve ser um momento agradável e não uma obrigação.

Durante as refeições, o bebê precisa da presença de um educador que lhe dê atenção, respeite seu ritmo e explorações. Isso significa que este momento não pode se transformar numa atividade mecânica de “enfiar comida goela abaixo” ou uma atividade em que as colheradas são dadas em série. Lembre-se: os bebês têm necessidade de atenção individualizada e de troca afetiva, experiências que acontecem também nos momentos em que são alimentadas.

O uso da TV no cotidiano dos bebês

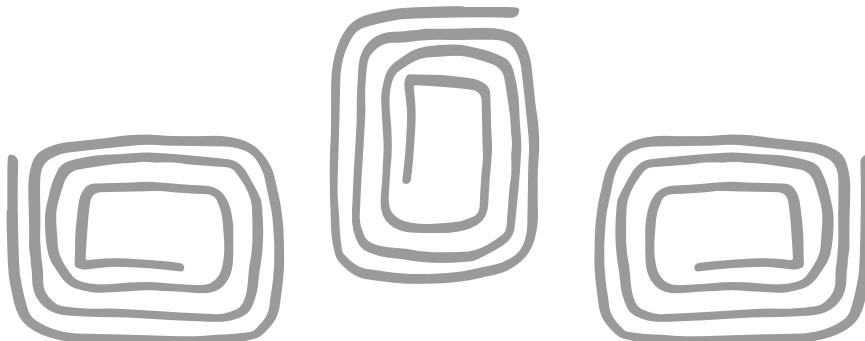
A televisão e os demais aparelhos eletrônicos – DVD, computador, telefone celular, brinquedos com chip – geralmente são apresentados ao bebê como meios de entretenimento e aprendizagem. Não é à toa que atualmente existe uma enorme oferta de desenhos, filmes, programas e brinquedos ditos interativos.

De uma forma ou de outra, o bebê acaba respondendo aos estímulos das telas. Fissurados pelas cores e movimentos, ficam em silêncio, cantam, dançam, repetem o que ouvem, mas de um jeito totalmente passivo. O bebê é entretido ao invés de se entreter, se relaciona com um eletrônico ao invés de se relacionar consigo mesmo ou com outra pessoa.

Temporariamente, a TV pode parecer um excelente cuidador. Através dela o bebê se diverte, encontra companhia e até mesmo certo consolo. Mas, os aparelhos eletrônicos aboem o que deveria acontecer naturalmente: entreter a partir dos próprios recursos, permitindo aprender através da exploração, investigação, experimentação e relação com o outro. Por esta razão, a TV e similares acabam afastando o bebê do brincar criativo, tão fundamental para o desenvolvimento global do ser humano.

Então, fica a dica: cuidado e moderação no uso da televisão e similares com as crianças!¹⁹

¹⁹ Para saber mais sobre o uso da TV e outros eletrônicos na vida do bebê, sugerimos a leitura do texto "Faz de conta e construção de sentido: brincar para superar". In: *Em defesa do faz de conta*, Susan Linn. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.



Registros no cotidiano do serviço de acolhimento

Nos serviços de acolhimento, uma das formas de garantir a constância dos cuidados com os bebês são os registros diários sobre a rotina deles.

Não há um padrão sobre como estes registros devem ser feitos. Algumas casas fazem uso de um “Diário de rotina”, outras fazem “Livros de ocorrência” e têm aquelas em que cada bebê tem sua “Caderneta”. Cada lugar encontra sua ferramenta e seu jeito de fazê-los, o que permite aos educadores inovar e criar suas próprias ferramentas na hora de fazer os registros. Dessa maneira, respeita-se a singularidade de cada equipe, educador e bebê.

Com a importante função de troca de informação entre os profissionais que trabalham na casa, o registro se configura como mais um meio de comunicação entre a equipe e possibilita que detalhes do dia a dia sejam transmitidos a todos, mantendo um diálogo constante, tão necessário para a realização e sustentação do trabalho.

É importante, no entanto, que os livros ou as cadernetas não sejam a única forma de troca entre educadores e técnicos dos serviços. Durante a passagem de plantão, é preciso que o serviço se organize de modo que haja tempo para os educadores transmitirem as informações para o turno seguinte; as reuniões de equipe são fundamentais para a reflexão, a troca de informações e experiências e o alinhamento de condutas.

Além de auxiliar na circulação da palavra entre os diversos profissionais de um mesmo serviço, o registro tem também o papel de testemunhar e relatar o período de acolhimento. O educador tem muito a dizer sobre cada bebê, pois convive com ele quase todos os dias, conhece suas particularidades e acompanha seu crescimento. O dia em que nasceu o primeiro dente do João ou o dia em que a cozinheira fez uma papinha nova que a Bebel gostou muito são exemplos de pequenas e importantes vivências que tornam única a história de cada bebê, merecendo, portanto, o registro.

Desta maneira, podemos entender que um bom registro não é apenas colher as informações necessárias para completar o “Diário”, mas também um momento de documentar as experiências vividas por cada um dos bebês. O interessante é que, além de dados objetivos como quantidade de mamadeiras que cada um tomou, a que horas dormiu, se teve febre ou não, o educador possa também registrar outras coisas como momentos impor-

tantes vividos pelo bebê no cotidiano. Por exemplo: saber que a Maria dormiu às 22 horas é muito diferente de saber que ela chorou muito para dormir e que o educador da noite precisou niná-la no colo para que ela pegasse no sono; que o Renato adora dormir com seu paninho no rosto; que o Marcelo já está se sentando sozinho e brincou bastante com os outros bebês naquele dia; que a Ana adorou comer maçã, fez careta nas primeiras colheradas, mas depois gostou muito. Um bom registro, com detalhes sobre a rotina de cada bebê, favorece um olhar mais particularizado a cada criança e facilita a construção de um vínculo de qualidade com os educadores.

O livre acesso aos prontuários

Ainda vemos em muitos serviços de acolhimento educadores que não têm acesso aos prontuários das crianças e adolescentes. Algumas equipes se justificam dizendo que os educadores farão um mau uso das informações. No entanto, é papel da equipe técnica formar sua equipe de educadores para que esta possa trabalhar com as histórias de vida de maneira respeitosa, ética e profissional. Isso implica momentos de formação e reflexão com todos da casa. Quando trabalhamos com bebês, como também com crianças e adolescentes, o conhecimento de suas histórias é essencial para que entendamos alguns comportamentos que a princípio podem nos parecer enigmáticos. Os dados de suas histórias pregressa e atual possibilitam uma melhor compreensão da criança por parte do educador, que poderá agir de maneira mais consistente e consciente. No caso dos bebês, que ainda não falam, o conhecimento da história é fundamental para decodificar seus comportamentos e sinais de sofrimento.



The background of the entire page is a series of concentric, hand-drawn circles in a light gray color, creating a circular frame effect. At the top center, there is a small white symbol that resembles a stylized number 7 or a similar character.

7

Rituais

com os bebês

“ (...)todo aquele que cuida de uma criança deve conhecê-la e trabalhar com base numa relação viva e pessoal com o objeto de seus cuidados, e não aplicando mecanicamente um conhecimento teórico. Basta estarmos sempre presentes, e sermos coerentemente iguais a nós mesmos, para proporcionarmos uma estabilidade que não é rígida, mas viva e humana, com a qual o bebê já pode sentir-se seguro. É em relação a isso que o bebê cresce, e é isso que ele absorve e copia.”

Donald W. Winnicott

Objetos pessoais

Muitos objetos falam de seus donos. Alguns, pelo que representam. Outros, porque os identificam sem que tenham que dizer uma palavra. Com os bebês não é diferente. Seus objetos contam suas preferências, vivências e origem: a pulseirinha de identificação da maternidade, a primeira roupinha, o boneco do berço, um retrato de família, o pratinho das refeições, o gorro da cor de seus olhos e tantos outros que dizem respeito à sua história.

Embora existam objetos compartilhados nos serviços de acolhimento, é importante que cada bebê possa ter objetos pessoais, como roupas, brinquedos, um travesseiro, uma bol-sinha ou uma caixa para guardar seus pertences. Tais objetos diferenciam e individualizam cada um, marcando-o enquanto ser único, que faz escolhas e tem preferências individuais.

Sempre que possível, é interessante verificar com a família de origem ou com a instituição que o acolheu anteriormente se existe algum objeto que possa acompanhar o bebê no novo lar. Da mesma forma, é recomendável que em sua saída do serviço ele leve consigo objetos que façam parte de sua história, tanto do período em que foi acolhido, quanto do período anterior ao acolhimento (quando há). Ao portar seus próprios objetos, o bebê “conta” um pouco de si para o adulto que cuida dele, além de ter uma sensação de continuidade e de estar mais “inteiro”, favorecendo sua integração e adaptação ao novo ambiente.

Um objeto especial

Entre os objetos pessoais, normalmente existe um especial, aquele que o bebê escolhe como “companheiro” nos momentos de separação²⁰ entre ele e seu cuidador, ao qual chamamos objeto transicional²¹. Estes objetos são geralmente escolhidos entre o 4º e o 12º mês de vida e funcionam como uma espécie de tranquilizador para o bebê nos momentos em que se sente só, como na hora de dormir ou nas despedidas. Reconhecer qual objeto foi “eleito” pelo bebê nem sempre é simples. Por isso faz-se necessária uma observação atenta às suas preferências em relação aos objetos com os quais interage em seu cotidiano – um travesseirinho, um brinquedo ou um paninho de limpar boca – para que se possa deixá-lo com o bebê e incentivar seu uso nas situações de separação e ruptura. É importante também que a equipe esteja alinhada e que as informações circulem entre os diversos profissionais, garantindo que os objetos especiais, escolhidos por cada bebê, fiquem disponíveis a eles em todos os plantões.

É possível, ainda, que o bebê não eleja nenhum objeto, sem que isso seja um problema. Nesse caso, é comum ele utilizar-se da ponta do lençol ou emitir pequenos sons na tentativa de diminuir a angústia presente nas situações de separação ou solidão. Daí a importância de poder disponibilizar ao bebê objetos que ele possa eleger e manter como seus, podendo carregar consigo para onde quer que vá (estes objetos só devem ser mudados por opção do bebê e nunca do adulto). Um dia este objeto, tantas vezes inseparável, é deixado naturalmente de lado pelo próprio bebê.

²⁰ Os momentos de separação incluem os momentos que a antecedem, implicando desde o dormir/acordar e a ausência temporária do cuidador, até separações mais bruscas e duradouras, como a separação da família. A estas separações bruscas denominamos ruptura.

²¹ O pediatra e psicanalista Donald Winnicott teorizou sobre esses objetos especiais denominando-os objetos transicionais. Para saber mais: “Objetos transicionais e Fenômenos transicionais”. In *O Brincar e a Realidade*, Donald Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Essa casa é minha cara!

“Quando comecei o trabalho como gerente de um SAICA, vivi um grande desafio. Ao entrar na casa, não sentia afetividade nos ambientes, achava tudo muito técnico, parecendo uma empresa. Na garagem, não havia brinquedos, nos quartos os lençóis eram todos brancos, bem como os beliches. Não tinha toque infantil e nem cara de casa. Conversamos com as crianças pensando como poderíamos fazer aqueles quartos serem realmente os seus quartos. Queria fazer algo que tivesse significado, algo produzido por eles, ganhando mais valor. E assim surgiu o projeto Essa casa é minha cara. Tive a ideia de comprar prateleiras simples, sem pintura. Duas voluntárias que trabalhavam com arte montaram um projeto para confecção das prateleiras junto com as crianças e foi maravilhoso! Cada uma escolheu a cor de sua prateleira e os adornos para enfeitar. Foi muito legal vê-las montando e confeccionando algo seu. Esse foi um grande diferencial: a possibilidade de fazerem escolhas desde o início até o final do projeto. As prateleiras ficaram lindas! Depois, compramos porta retratos para todas e revelamos muitas fotos. Elas puderam escolher fotos suas, de familiares, artista preferido ou de quem desejassem. Aos poucos, vimos crianças e educadores envolvidos nesses pequenos projetos. As crianças se orgulharam de seu espaço, mostrando-o para todos que chegavam na casa: ‘Olha a minha prateleira com meu porta retrato no meu quarto’ – num claro sinal de individualidade e sentimento de pertencimento. Depois, pintamos as camas com cores escolhidas pelo grupo e compramos, junto com um representante de cada quarto, cortinas também escolhidas por eles. Ficou tudo muito lindo. Nas camas já não tínhamos mais lençóis impessoais e sim lençóis com imagens que representavam as preferências de cada um. Resolvemos fazer uma surpresa e em cada cama colocamos uma almofada personalizada, fofinha. Essa almofada foi tão significativa na vida delas que quem ia embora sempre pedia para levá-la consigo. Assim, as almofadas foram sendo levadas por cada criança que aqui passou. Hoje, fico orgulhosa quando olho para a porta de cada quarto e ainda vejo as plaquinhas de afeto que colocamos. Orgulhosa por se manterem lá, em mais um sinal de pertencer.”

Miriam Vieira, coordenadora de um SAICA

Chegadas, despedidas e separações

O acolhimento de bebês, crianças e adolescentes remete a momentos de separação e ruptura – momentâneas ou definitivas. Essa é uma das questões mais delicadas do trabalho do educador.

Pensemos nas chegadas e despedidas. Ao chegarmos num lugar cumprimentamos as pessoas que lá estão e quando não as conhecemos nos apresentamos dizendo nosso nome e, eventualmente, o que fazemos e porque estamos ali. Quando deixamos algum lugar, despedimo-nos, como forma de marcar nossa saída, para que as pessoas saibam que estamos indo embora e, a depender de cada situação, se voltaremos ou não. Com essas falas realizamos algo muito importante: marcamos nossa presença, nossa ausência e adiantamos para as pessoas se retornaremos ou não; portanto, se elas devem ou não nos aguardar.

Outras situações envolvem despedidas mais duradouras: viagens, mudanças de cidade, de emprego, de escola, de casa, etc. Muitas vezes essas mudanças significam que deixaremos de ver pessoas que eram de nosso convívio e, em alguns casos, pode significar que deixaremos de ver familiares e amigos. Para diminuir a saudade que começamos a sentir antes mesmo de nos separar, costumamos nos despedir fazendo uma festa, escrevendo cartas para algumas pessoas, visitando outras. Dessa forma, encontramos maneiras de ir dizendo tchau para pessoas que nos são importantes. Isso nos conforta e nos prepara para a nossa ida.

Todas essas situações que descrevemos são vivenciadas pelos bebês que estão em um serviço de acolhimento: todos os dias eles vêm educadores e crianças que chegam e vão. E o principal: cada um que ali está já passou por uma grande separação e se viu em um lugar novo, desconhecido e com pessoas que não conhecia. Até mesmo para aqueles que foram acolhidos diretamente da maternidade, ali é um ambiente completamente novo.

Por isso a necessidade de pensarmos como receber o bebê que chega ao serviço de acolhimento. Ainda que ele não fale, é importante que a equipe eleja uma pessoa que possa contar ao bebê onde ele está, apresentar a casa para ele, o quarto onde vai dormir, quem mora ali e quem vai cuidar dele. Dessa forma, oferecemos a ele um pouco da segurança tão necessária nesse momento.

No dia a dia, é importante que os educadores, principalmente aqueles que têm mais contato com os bebês, fiquem atentos em se despedir deles e em dizer quando retornam.

Pode parecer estranho, mas é importante para o bebê escutar do adulto cuidador que ele vai sair, mas que retornará. Com o passar do tempo, ao ver que o educador vai embora, mas retorna como ele disse que o faria, o bebê se acostuma com sua ausência e pode ficar um pouco mais tranquilo durante esse período, porque sabe que ele vai voltar. Caso contrário, pode acontecer do bebê viver, durante as trocas de plantão, uma experiência de ruptura e angústia, por não saber se aquele adulto que cuida dele retornará.

Nos casos de bebês muito pequenos, que demandam atenção constante, é importante que se faça a passagem de um educador para outro, dizendo ao bebê quem cuidará dele no próximo plantão. Assim, asseguramos ao bebê que sempre terá um adulto para cuidar dele.

Outros momentos que merecem atenção especial são as situações em que um bebê retornará para a família, será adotado ou transferido para outro serviço. Muitas vezes esses são momentos difíceis para os educadores, que se vinculam fortemente àquele que esteve sob seus cuidados. Para o bebê que sai também será uma grande mudança e é necessário prepará-lo e cuidar para que esse não seja um novo momento de ruptura. Nesse sentido, é importante o serviço planejar uma maneira para que os educadores possam se despedir do bebê e que ele possa se despedir das outras crianças, criando um ritual tanto para quem vai, quanto para os que permanecem na casa.

Pensando nos objetos pessoais, se houver algum brinquedo, roupa, sapatinho, livro do qual goste mais, devemos deixar que o bebê os leve. Assim como preservamos os objetos que ele traz consigo, garantimos que leve algo que represente uma parte de sua história e que guarda a memória das pessoas importantes com quem conviveu durante o período do acolhimento. Além desses objetos, uma carta, fotos ou seu álbum de história²² são boas alternativas para que os educadores e as outras crianças deixem um relato para dizer “tchau”.

²² Referimos aqui ao álbum de história construído com as crianças acolhidas em instituições parceiras do Instituto Fazendo História. Para saber mais, consulte no capítulo 5 o item “O álbum de história: um presente para o bebê”.

Diante da colocação do bebê em família substituta, é importante que a passagem dele para a nova família não ocorra de maneira abrupta. A transição deve ser feita gradualmente, através de visitas da família substituta ao lar atual do bebê e deste à futura família, propiciando a aproximação de ambas as partes e o estreitamento dos novos vínculos que se constituem. Os serviços de acolhimento têm o papel fundamental de articular e, quando possível, mediar estes valiosos encontros.

No caso dos bebês, sobretudo, é muito importante que alguém possa transmitir à nova família seus hábitos e preferências. Dizer se o bebê possui ou não objetos de apego, como gosta de adormecer, suas comidas prediletas ou rejeitadas, como brinca, entre outras particularidades, ajuda na construção dos novos vínculos e adaptação à nova realidade. O álbum é um dos instrumentos que pode garantir à família melhor conhecer seu bebê, além de ser um convite para a continuidade do registro da história a partir deste novo momento. Com tudo isso garantido, o bebê pode encontrar alguma continuidade e certa segurança na passagem para uma nova família.

Para pensar

É o dia da despedida de Sabrina, três anos, que será adotada. Na hora de ir com a mãe adotiva, ela começa a chorar desesperadamente e pede colo para sua educadora de referência, deixando todos muito aflitos com a situação. Então, outra educadora lhe acalma dizendo que será só um passeio e que ela voltará em breve.

O desligamento da criança do serviço de acolhimento deve ser gradativo, para que tanto a criança quanto os profissionais do serviço possam vivenciar a separação como uma despedida, e não como uma nova ruptura. A preparação gradativa para o desligamento é um direito das crianças preconizado pelo ECA. No caso dos bebês, pode-se pensar que eles entendem pouco e, portanto não sentirão a mudança. No entanto, o bebê, por menor que seja, percebe os fatos que ocorrem em sua vida através das mudanças no ambiente, nos sons, odores, tato, sensações corporais. Quando estas transições são feitas abruptamente e sem palavras que deem sentido, o bebê pode apresentar sinais de sofrimento²³.

²³ Para saber mais sobre sinais de sofrimento, consulte o item "Manifestações que expressam sofrimento do bebê" no capítulo 4 – A palavra que apresenta o mundo.

Na situação de Sabrina percebemos como foi difícil para os adultos nomearem a despedida. Falar para ela que iria passear pode ter ajudado naquele instante, mas certamente não a ajudou a compreender a mudança que estava acontecendo em sua vida. Ela estava mudando de casa e certamente sentiria saudade das pessoas que cuidaram e conviveram com ela durante o período do acolhimento.

Além de ser um direito dos bebês, crianças e adolescentes, falar e trabalhar as despedidas facilitam a vinculação com a família de origem, a família adotiva ou com as novas pessoas que cuidarão deles em uma nova instituição.



Cardápio de atividades

Brincar com bebês é bem mais simples do que se imagina e também bem mais importante do que se pensa! Aqui, reunimos sugestões de brincadeiras que garantem a diversão dos pequenos, a exploração de si e do mundo e o fortalecimento do vínculo bebê-cuidador. Vale lembrar que as brincadeiras dos primeiros meses de vida podem ser continuadas por toda a infância. Algumas se mantêm como na proposta dos meses iniciais; outras podem ser modificadas ou incrementadas. Use a imaginação e liberte a criança que existe em você. Boa brincadeira!

1. CARAS E BOCAS

Faixa etária: 0-3 meses.

Material: Apenas a presença e disponibilidade do educador para brincar com o bebê.

Vamos lá: Nesta faixa etária o bebê não enxerga mais do que a distância de 30 cm e precisa de muito aconchego. As brincadeiras com ele acontecem nas situações de cuidados cotidianos (banho, trocas, amamentação ou quando ele está desperto no berço), através de um gostoso diálogo. Além de gestos e palavras suaves, as expressões faciais do cuidador são um grande atrativo para o bebê. Por isso, nesses momentos de interação, dê ao bebê tempo para que ele possa responder ao estímulo que lhe é apresentado (como abrir a boca ou mostrar a língua) e se surpreenda quando ele fizer um movimento que tenta imitar o seu!

Sabe por quê? A relação entre o adulto e o bebê acontece como um grande espelho que ajuda o bebê a se reconhecer e, aos poucos, diferenciar-se do cuidador. Assim, da mesma forma que nos colocamos como modelo e imagem para o bebê, é importante que façamos o inverso com ele, imitando algumas de suas expressões. Se ele sorri, devemos sorrir. Se ele emite um som, repetimos o som. Além de ser divertido e fortalecer o vínculo afetivo, colocamos o bebê no lugar de um sujeito ativo.

2. FITINHA NO DEDO OU NO PUNHO

Faixa etária: 1-3 meses.

Material: Um pedaço de aproximadamente 15 cm de fita de cetim estreita.

Vamos lá: Delicadamente, amarre sem apertar a fita no dedo indicador do bebê ou em seu punho.

Sabe por quê? Os movimentos encantam os bebês pequenos, assim como observar e levar suas mãos à boca. Conforme o bebê descobre e brinca com suas mãozinhas ele percebe o movimento da fita, podendo levá-la à boca junto com a mão ou punho.

Para que esta brincadeira seja mais do que um entretenimento, experimente alternar o lado da fita e observe se o bebê percebe a alteração. Apesar de essa brincadeira conferir ao bebê certa autonomia, é fundamental que aconteça na presença atenta do educador.

3. LUZINHAS

Faixa etária: 3-6 meses

Material: Lanterna, papel celofane e fita crepe.

Vamos lá: Tampe o foco da lanterna com o papel celofane, diminua a luz do ambiente e projete a luz da lanterna no teto ou na parede. Aos poucos, vá mexendo a lanterna e iluminando diferentes locais do ambiente, nomeando para o bebê o que está em foco. É interessante usar diversas cores de papel celofane. Pode-se também recortar figuras de cartolina e colá-las no celofane para projetá-las na parede.

Sabe por quê? Nessa idade a visão do bebê já alcança maiores distâncias, o que lhe permite procurar pelos objetos e distinguir melhor suas formas e cores. Proporcionar estímulos visuais contribui para que este sentido se desenvolva e se aprimore.

4. CHOCALHO

Faixa etária: 3-6 meses.

Material: Garrafinhas de plástico, potes de iogurte, latas de leite, fita adesiva, pedrinhas, sementes, arroz, macarrão, feijão ou outros grãos.

Vamos lá: Encha o recipiente (garrafinha, pote de iogurte, etc.) com um ou mais materiais e tampe-o com a fita formando um chocalho. É importante higienizar bem o recipiente e fechá-lo de maneira segura. Com o bebê deitado em uma superfície ou sentado em seu colo, brinque com ele explorando os diferentes sons que o chocalho emite. Aproveite para cantar uma musiquinha junto! Quando o bebê já consegue segurar um objeto, ofereça-lhe um chocalho leve e fácil de ser apreendido com as mãos.

Sabe por quê? Com materiais simples e de fácil acesso, é possível fazer este instrumento que tanto atrai os bebês pelo seu ritmo e sonoridade, elementos que auxiliam no desenvolvimento da linguagem verbal e expressão rítmica.

5. CADÊ? ACHOU!

Faixa etária: 6-9 meses.

Material: As opções são muitas – um paninho, uma toalhinha, a roupinha do bebê, a própria mão do educador ou qualquer coisa que permita ao educador esconder seu rosto por alguns segundos e reaparecer.

Vamos lá: O educador esconde o rosto e nomeia sua ausência dizendo ao bebê: “Cadêêê?”. Poucos segundos depois reaparece nomeando o momento do reencontro com “Achouuu!”. Essa brincadeira tem muitas variações e pode ser feita em diversos momentos do dia, sem que seja preciso mudar a rotina institucional. Pode ser feita na hora da troca de fraldas ou após o banho, usando a roupinha do bebê para brincar; é possível também brincar com seus pezinhos e mãozinhas na hora de vesti-lo – “Cadê o pezinho da Marina? Achou! Cadê sua mãozinha? Achou!”.

Sabe por quê? Para além da diversão, essa brincadeira ajuda os bebês a construírem a noção de seu próprio “eu” e se diferenciarem do “outro”, o que favorece, inclusive, as situações de separação. Para que o momento de ausência do educador, durante a brincadeira, não seja muito angustiante para a criança, é importante que seu tempo seja curto, apenas alguns segundos. Conforme o bebê cresce, poderá começar a se esconder sozinho, já que aguenta a separação por mais tempo. A brincadeira de esconde-esconde, que aparece meses mais tarde, é uma versão mais complexa desse jogo inicial do “Cadê? Achou!”.

6. BRINCANDO COM PAPEL

Faixa etária: 6-9 meses.

Material: Papeis de diferentes cores, formatos e texturas (papel higiênico, jornal, revistas, alumínio, celofane).

Vamos lá: Entregue para o bebê os diferentes papeis e deixe-o explorá-los. Amasse, faça

bolinhas e rasgue o papel com ele, experimentando os barulhos que fazem. O educador pode incrementar a brincadeira fazendo dobraduras com os papéis, como: chapeuzinho, barquinho, avião, entre outros.

Sabe por quê? O papel oferece múltiplas possibilidades de brincadeiras para os pequenos: eles podem rasgar, amassar, dobrar. Explorando o papel, eles entram em contato com diferentes texturas, além de estimular a motricidade de seus membros superiores.

7. FORMIGUINHA

Faixa etária: 9-12 meses.

Material: Apenas a presença e disponibilidade do educador para brincar com o bebê.

Vamos lá: Esta brincadeira pode ser feita de várias maneiras e uma delas é assim: o educador simula com os dedos uma formiguinha que vai andando pelas mãozinhas da criança, subindo pelos bracinhos até chegar aos ombros ou pescoço, onde se faz coceguinhas. Ou ainda, a formiguinha vai andando pelas perninhas do bebê, andando, andando até chegar à barriguinha, onde se faz um monte de cócegas. Enquanto faz esse percurso, o adulto vai falando com o bebê, nomeando a parte do corpo por onde passa.

Sabe por quê? Nomear e dar tempo para que o bebê sinta a parte do corpo por onde a formiguinha passa ou onde faz cócegas ajuda a criança na construção de sua consciência e integração corporal. Além disso, possibilita que ela interaja com o adulto oferecendo seu corpo na brincadeira. Esse ritmo que se instala entre o adulto e o bebê permite sentir a continuidade e descontinuidade temporal, ou seja, envolve um tempo de espera, de expectativa e de realização da atividade e possibilita que os participantes se comuniquem e se conheçam.

8. LANÇAR OBJETOS

Faixa etária: 9-12 meses.

Material: Qualquer objeto e a presença e disponibilidade do educador para brincar.

Vamos lá: Os bebês adoram brincar de jogar objetos ao chão para serem recuperados pelos adultos cuidadores. Algumas vezes, eles lançam o objeto sem uma intencionalidade clara

de que aquilo é uma brincadeira. Assim, transformar esse comportamento em brincadeira é tarefa do adulto. Quando o educador entra na brincadeira, recuperando o objeto lançado e devolvendo-o à criança, vai-se criando um jogo; a brincadeira vai ficando mais complexa e a criança passa a convidar o educador para brincar, dando muitas vezes risadinhas e olhadelas marotas que apontam claramente que se trata de um jogo.

Sabemos que, se deixarmos, os bebês passarão boa parte do seu tempo jogando objetos, pois se envolvem muito nessa brincadeira. No entanto, não é preciso que o educador passe muito tempo recuperando os objetos; a ideia não é “escravizá-lo”, mas é importante ter disponibilidade para entrar um pouco nesse jogo ao longo do dia.

Sabe por quê? Nesta brincadeira, assim como na brincadeira “Cadê? Achou!”, há um jogo que envolve ausência e presença, sendo que aqui é o objeto que desaparece e reaparece. É um jogo que auxilia a construção da noção de “eu” e “outro” e também favorece o fortalecimento do vínculo entre criança e educador.

9. TRENZINHO DE GARRAFA

Faixa etária: 12-18 meses.

Material: Garrafa PET, fita adesiva colorida ou cola plástica colorida e 1 metro de barbante.

Vamos lá: Pegue uma garrafa PET e desenhe nela, com cola plástica ou fitas adesivas coloridas, as janelinhas e a porta do vagão do trem. Se quiser, coloque dentro da garrafa pedrinhas ou grãos que possam fazer barulho quando o trem se locomove. Não se esqueça de vedar bem a tampa com fita adesiva para evitar que os “barulhos” saiam lá de dentro. Amarre o barbante no bocal da garrafa para que a criança possa puxá-lo arrastando pelo chão.

Sabe por quê? Nesta faixa etária a criança está começando a andar e/ou aprimorando seus passos e adora os brinquedos de puxar que pode arrastar consigo para onde quer que vá.

10. TESOUROS QUE VÊM DO LIXO

Faixa etária: 12-18 meses.

Material: Potes vazios com e sem tampa, caixas de diversos tamanhos, rolos de papel higiênico e outras sucatas (que devem ser higienizadas e não conter odores).

Vamos lá: Coloque uma variedade desses materiais no chão para que a criança possa escolhê-los e explorá-los livremente. Ela pode tanto optar por fechar um pote ou empilhar caixas, como pode ter sua ajuda para transformá-los em novos objetos. Um rolo de papel pode virar um binóculo ou a luneta de um explorador; tampas e potes podem se tornar instrumentos que emitem diferentes sons; uma caixa grande pode se tornar uma casinha ou túnel.

Sabe por quê? As sucatas são objetos simples e abundantes. Apresentam texturas, formas, sons e cores variadas estimulando tanto as percepções táteis, sonoras e visuais das crianças, quanto suas habilidades motoras. Sua variedade e facilidade de reposição permitem uma exploração bastante livre, seja em sua forma pura ou através de sua transformação em um brinquedo.

11. FAZENDO ARTE COM CRIANÇAS

Faixa etária: 18-24 meses.

Muitos recursos artísticos podem ser utilizados com os pequenos, como a produção de tintas e massinhas a partir de pigmentos naturais e gizes de gesso em formatos que favorecem o desenvolvimento da coordenação motora:

Tinta com pigmentos naturais

Material: Pigmento natural (pó de beterraba, açafrão, urucum, espinafre, páprica, terra, entre outros – na ausência deles, pode-se usar corante alimentício), cola branca ou goma arábica e água.

Vamos lá: Misturar uma colher de sobremesa de pigmento natural com a mesma quantidade de goma arábica ou cola branca. Acrescentar um pouco de água, até que a consistência se torne adequada. Quanto mais água colocar, mais diluída a tinta ficará e vice-versa. Para

crianças pequenas é aconselhável que a tinta não seja muito diluída e que o pincel não seja muito fino. É interessante arrumar todo o material e fazer a tinta junto com as crianças, que poderão se divertir vendo a transformação do material e depois pintando e fazendo desenhos. As pinturas e desenhos podem ser feitos em cartolina, papel cartão, caixas de papelão, embalagem de pizza, papel craft, papelão Paraná, lixas, jornal, tecidos (como lona e algodão). Para fazê-los, use e abuse de pincéis, mãos e dedos, rolinhos, brochinhas, escovas de dente, outras escovas, esponjas, etc.

Tinta natural

Material: Polvilho, água, corante alimentício.

Vamos lá: Dissolver uma colher de sopa de polvilho em água fria. Levar ao fogo mexendo sempre para não encroçar. Quando estiver na consistência de mingau, retirar e deixar esfriar. Acrescentar 7 gotas de corante alimentício. A tinta pode ser usada como na descrição acima.

Giz de gesso

Material: Pigmento líquido, gesso em pó, água, recipientes para serem usados como fôrma (caixas de ovos, copinhos de café, rolinhos de papel higiênico).

Vamos lá: Misturar um copo de água com cerca de 50 gotas de pigmento líquido. Ir acrescentando gesso até chegar a uma consistência que seja possível encher as fôrmas com ajuda de uma colher pequena. Deixar secar e depois retirar os gizes das fôrmas para brincar. As crianças podem fazer desenhos no chão ou em papéis.

Massinha de modelar

Material: Farinha de trigo, sal de cozinha, óleo, água e corante alimentício.

Vamos lá: Misturar 1 copo de farinha de trigo, meio copo de sal de cozinha e 1 colher de chá de óleo. Ir colocando aos poucos cerca de meio copo de água colorida com 10 gotas de corante alimentício, enquanto vai amassando a mistura, até alcançar a consistência ideal para modelar.

Sabe por quê? Fazer tintas, giz e massinhas, assim como desenhar e brincar com esses elementos, favorece a criatividade, a fantasia e a coordenação motora da criança. O contato com esses materiais também estimula a sensorialidade, além de ser muito divertido para crianças e adultos.

12. DONA ARANHA

Faixa etária: 18-24 meses

Material: Música Dona Aranha:

*A Dona Aranha subiu pela parede,
Veio a chuva forte e a derrubou.
Já passou a chuva*

*O sol já vai surgindo
E a dona aranha continua a subir.
Ela é teimosa e desobediente,
Sobe, sobe, sobe e nunca está contente.*

Vamos lá: Cante a música fazendo movimentos com as mãos, colocando a ponta do indicador direito na ponta do polegar esquerdo e a ponta do indicador esquerdo na ponta do polegar direito. Alterne os dedos num movimento ascendente. Quando se canta a frase “Veio a chuva forte e a derrubou” faça o mesmo movimento descendente. Quando cantar a frase “Já passou a chuva”, faça um grande círculo com as mãos e repita a alternância dos dedos em movimento ascendente.

Sabe por quê? As músicas, assim como a leitura, auxiliam na ampliação do repertório verbal. Quando estão associadas a movimentos corporais, ajudam as crianças a terem maior percepção de seu corpo. Há outras opções de músicas infantis como “Meu pintinho amarelinho” e “A barata diz que tem”, que cumprem a mesma função. O educador pode, também, resgatar as músicas que cantava em sua infância e ensinar às crianças!

13. CARIMBOS

Faixa etária: 24-36 meses.

Material: Objetos de formas e texturas variadas (tampas, potes, caixas, rolnha, EVA) tinta e papel.

Vamos lá: Pinte um dos lados do objeto e proponha à criança carimbar numa folha de papel. O desenho impresso mostrará formas surpreendentes que podem ser exploradas e sobrepostas. É divertido usar cores diferentes, bem como fazer carimbo dos pés e mãos ou de metade de frutas ou legumes.

Sabe por quê? Crianças nessa idade se encantam com a repetição e podem se distrair por um bom tempo fazendo o mesmo movimento. Passar tinta no carimbo e pressioná-lo no papel promove a concentração e desenvolvimento da coordenação manual, além de permitir a exploração de cores e formas diversas.

14. FAZ DE CONTA

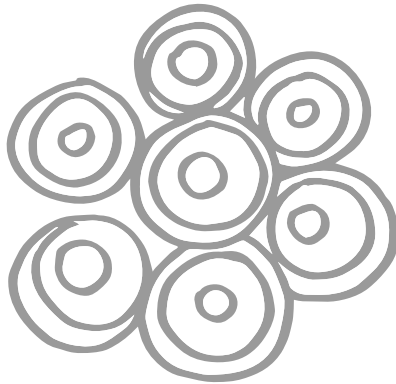
Faixa etária: 24-36 meses

Material: Fantasias, perucas, lenços, colares, máscaras – prontas ou construídas com a criança usando tecidos, papéis, sucatas. Se possível, tenha um espelho que possa refletir a imagem do corpo inteiro da criança. Nesta brincadeira, podem-se incluir bonecas, casinhas, panelinhas e outros objetos e brinquedos que favoreçam o faz de conta.

Vamos lá: Disponibilize os objetos numa caixa e deixe as crianças escolherem livremente aquilo que mais lhes agrada. Ajude-as a criar capas, chapéus, coroas, aventais, vestidos através de personagens conhecidos ou imaginados. A leitura prévia de uma história pode incrementar a brincadeira.

Sabe por quê? Através das brincadeiras de faz de conta a criança experimenta diferentes papéis e formas de se relacionar, constrói hipóteses sobre o que a cerca, amplia seu conhecimento do mundo e expressa seus sentimentos, podendo, inclusive, ajudá-la a compreender e elaborar situações difíceis, como mudanças, doenças e separações.

Para saber
mais



Acolhimento institucional no Brasil

Acolhimento em Rede
www.acolhimentoemrede.org.br

Instituto Fazendo História
www.fazendohistoria.org.br

Livro sobre o acolhimento institucional de bebês:

Entre o singular e o coletivo: o acolhimento de bebês em abrigos. Fernanda Nogueira (org.). São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011. Disponível para *download* no site www.fazendohistoria.org.br.

Legislação

Estatuto da Criança e do Adolescente
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Lei 12.010
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm

Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária - PNCF
<http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/planonacional.pdf>

Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes
http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/conanda_acolhimento.pdf

Primeira Infância

Aliança pela Infância
<http://www.aliancapelainfancia.org.br/>

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal
<http://www.fmcsv.org.br>

Instituto Alfa e Beto
<http://www.alfaebeto.org.br/arquivos/causas/primeira-infancia>

Instituto Zero a Seis
<http://www.zeroaseis.org.br>

Radare da Primeira Infância
<http://www.radardaprimeirainfancia.org.br>

Rede Nacional Primeira Infância
<http://primeirainfancia.org.br>

Rede Pikler Brasil
<http://redepiklerbrasil.blogspot.com.br>

Créditos

Realização

Instituto Fazendo História

Coordenação

Roberta Alencar

Sistematização, redação e edição geral

Roberta Alencar

Lara Naddeo

Patrícia Leekninh Paione Grinfeld

Produção de conteúdo

Amanda Agostinho Estelles

Beatriz Basile Kesselring

Camila Natal Sanzi

Cristina Banduk Seguim

Diego Penha

Elisa Chalem

Karina Bueno

Lara Naddeo

Nívea Moreira

Patrícia Gimael

Patrícia Leekninh Paione Grinfeld

Roberta Alencar

Sílvia Cavalcanti Pereira Lima

Sílvia Gomara Daffre

Suzana Soares

Revisão

Claudia Vidigal

Fernanda Nogueira

Isabel Penteado

Mayra Karvelis

Projeto gráfico, diagramação e ilustrações

Luciana Sion

Agradecimentos

A todos que participaram do grupo de estudos enriquecendo nossa prática e nosso olhar sobre os bebês. A todos que fazem parte dessa história.



Instituto Fazendo História

Rua Alberto Faria, 1308 – Alto de Pinheiros

05459 001 São Paulo SP Brasil

Tel/fax: (11) 3021-9889

contato@fazendohistoria.org.br

www.fazendohistoria.org.br

